

MALCOLM LOWRY

# Debaixo do vulcão

TRADUÇÃO

José Rubens Siqueira

ALFAGUARA  


*Para Margerie, minha esposa*

*Há muitos assombros, mas nada tão assombroso quanto o homem. É ele que, sobre o branco do mar, por entre os vórtices das vagas, foge ao tempestuoso vento sul. E a maior dentre as deusas, a terra indestrutível e infatigável, ele gasta indo e vindo o arado ano a ano, lavrando com a estirpe equina.*

*E o povo dos voadores pássaros, o homem destro em rastros, com redes bem tramadas, após emboscá-lo o caça, e a tribo da animalha bruta, e a prole que do sal do mar se nutre. E enreda com trapas as feras rudes que rondam nos penhascos, e o cavalo de lombo hirsuto ele o prende, jugando a nuca, e o indomável touro das montanhas.*

*E a palavra e o pensamento alado e o elã que governa a cidade aprendeu, e a fugir das borrascosas flechas e dos granizos dos inóspitos climas: pleno de tramas, preso nas tramas de nada que está por vir. Só não sabe fugir ao sítio dos mortos, mas contra as insanáveis pragas um remédio ele urdiu.*

SÓFOCLES — Antígona

*Ora eu bendizia a condição do cachorro e do sapo, sim, alegremente me veria na condição do cachorro ou do cavalo, pois sabia que eles não têm alma para perecer sob o peso eterno do Inferno e do Pecado, como a minha tendia a fazer. Não, e embora eu percebesse isso, sentisse isso, e me esfacelasse com isso, aquilo que aumentava meu sofrimento era não conseguir descobrir com toda minha alma que eu de fato desejasse a libertação.*

JOHN BUNYAN — Graça abundante ao principal dos pecadores

*Wer immer strebend sich bemüht, den können wir erlösen.*

Quem quer que se esforce sempre mais por subir... esse podemos salvar.

GOETHE



# 1

Duas cadeias de montanhas atravessam a república praticamente de norte a sul e formam entre si uma porção de vales e platôs. Debruçada sobre um desses vales, dominado por dois vulcões, se encontra, mil e oitocentos metros acima do nível do mar, a cidade de Quauhnahuac. Ela está situada bem ao sul do Trópico de Câncer, para ser exato no paralelo dezenove, mais ou menos na mesma latitude das ilhas Revillagigedo no oeste do Pacífico; ou, muito mais a oeste, da ponta do extremo sul do Havaí; e do porto de Tzuc Cox, a leste na costa atlântica de Yucatán, perto da fronteira com as Honduras britânicas; ou muito mais a leste da cidade de Juggernaut, na Índia, na baía de Bengala.

As muralhas da cidade, construída num promontório, são altas, as vielas e alamedas tortuosas e quebradas, as ruas cheias de curvas. Uma boa rodovia de estilo americano vem do norte, mas se perde nas ruas estreitas e prossegue depois como uma trilha de cabras. Quauhnahuac possui dezoito igrejas e cinquenta e sete cantinas. Exibe também um campo de golfe e nada menos que quatrocentas piscinas, públicas e privadas, repletas da água que verte incessantemente das montanhas, e muitos hotéis esplêndidos.

O Hotel Casino de la Selva se encontra num morro ligeiramente mais alto nos arredores da cidade, perto da estação de trem. A construção fica bem longe da via principal, cercada por jardins e terraços dos quais se tem uma ampla vista em todas as direções. Palaciano, certo ar de desolado esplendor o perpassa. Porque não é mais um cassino. Não se pode nem mais apostar drinques nos dados sobre o balcão. Assombrado por fantasmas de jogadores arruinados. Ninguém mais parece nadar na magnífica piscina olímpica. Os trampolins, vazios e lamentosos. As

quadras de jai-alai cheias de mato e desertas. Só duas quadras de tênis recebem manutenção na temporada.

Quase ao pôr do sol do Dia dos Mortos de novembro de 1939, dois homens trajados com flanela branca estavam sentados no terraço principal do Casino bebendo anis. Tinham jogado tênis, em seguida bilhar, e suas raquetes, à prova d'água, em seus protetores aparafusados — o do médico, triangular; o do outro, retangular —, se achavam no parapeito diante deles. Quando se aproximaram as procissões, que desciam serpenteando do cemitério pela encosta atrás do hotel, o som plangente de seus cantos chegou até os dois homens; eles se voltaram para olhar os lamentosos, que pouco depois só eram visíveis pelas melancólicas chamas de suas velas, que circulavam por entre os feixes de milho ao longe. O dr. Arturo Díaz Vigil empurrou a garrafa de Anís del Mono para M. Jacques Laruelle, que agora se inclinava para a frente com atenção.

Ligeiramente à direita e abaixo deles, sob o gigantesco anoitecer vermelho, cujo reflexo sangrava nas piscinas desertas espalhadas por toda parte como tantas miragens, havia a paz e a doçura da cidade. De onde estavam sentados, ela parecia bem tranquila. Só ouvindo com muita atenção, como fazia agora M. Laruelle, podia-se distinguir um remoto som confuso — diferente, mas de alguma forma inseparável do minúsculo murmurar e tilintar dos lamentosos — como de um canto que sobe e baixa, e passos constantes — os gritos e as explosões da fiesta que durava já o dia inteiro.

M. Laruelle serviu-se de mais um anis. Bebia anis porque o fazia lembrar de absinto. Um rubor profundo tomara conta de seu rosto e sua mão tremia ligeiramente acima da garrafa, de cujo rótulo um demônio corado brandia um forcado contra ele.

“... eu queria que ele fosse embora, ficasse dealcoholisé” dizia o dr. Vigil. Ele tropeçou na palavra em francês e continuou em inglês. “Mas eu mesmo estava tão mal naquele dia depois do baile que sofria,

fisicamente, de fato. O que é muito feio, porque nós, médicos, temos que nos comportar como apóstolos. Você lembra, jogamos tênis nesse dia também. Bom, depois eu vi o cônsul no jardim da casa dele, mandei um menino perguntar se ele viria um minutinho bater na minha porta, eu ia conversar com ele, senão por favor que me escrevesse um bilhete, se ainda não tivesse morrido de tanto beber”.

M. Laruelle sorriu.

“Mas eles foram embora”, o outro continuou, “e eu pensei, sim, naquele dia, em perguntar a você se tinha ido na casa dele.”

“Ele estava na minha casa quando você telefonou, Arturo.”

“Ah, eu sei, mas antes nós ficamos tão horrível de bebedeira aquela noite antes, tão perfectamente borrachos, que pensei o cônsul está tão mal como eu.” O dr. Vigil balançou a cabeça. “Doença não só no corpo, mas naquela parte que se costumava chamar: alma. Coitado seu amigo, ele gasta dinheiro na terra numa tragédia atrás da outra.”

M. Laruelle terminou seu drinque. Levantou-se e foi até o parapeito; pousou as mãos uma em cima de cada raquete de tênis, olhou para baixo e em torno: as quadras de jai-alai abandonadas, as muretas cobertas de mato, as quadras de tênis mortas, a fonte, bem próxima, no centro da avenida do hotel, onde um plantador de cacto havia amarrado seu cavalo para beber. Dois jovens americanos, um rapaz e uma moça, tinham começado um jogo tardio de pingue-pongue na varanda do anexo abaixo. O que acontecera um ano atrás neste mesmo dia parecia já pertencer a outra era. Podia-se pensar que os horrores do presente teriam engolido tudo como se fosse uma gota d’água. Mas não era assim. Embora a tragédia começasse a se tornar irreal e sem sentido, parecia ainda ser possível lembrar dos dias em que uma vida individual guardava algum valor e não era um mero erro de datilografia em um communiqué. Ele acendeu um cigarro. Ao longe, à esquerda, ao nordeste, além do vale e das encostas em terraços da Sierra Madre Oriental, os dois vulcões, Popocatépetl e Iztaccíhuatl, se erguiam nítidos



e magníficos no crepúsculo. Mais perto, talvez a uns quinze quilômetros, e num nível mais baixo que o do vale principal, ele divisou a aldeia de Tomalín, aninhada atrás da selva, da qual subia uma faixa estreita de fumaça ilegal, alguém queimava lenha para fazer carvão. Diante dele, do outro lado da rodovia americana, estendiam-se campos e bosques, através dos quais serpenteavam um rio e a estrada de Alcapancingo. A torre de guarda da prisão se erguia de uma floresta entre o rio e a estrada que se perdia mais adiante, onde as colinas arroxeadas de um Paraíso de Doré ondulavam para longe. Na cidade, as luzes do único cinema de Quauhnahuac, construído numa ladeira e nitidamente destacado, de repente se acenderam, piscaram e se acenderam de novo. “No se puede vivir sin amar”, disse M. Laruelle. “Como aquele estúpido escreveu na minha casa.”

“Que é isso, amigo, tira da cabeça” disse o dr. Vigil atrás dele.

“Mas, hombre, Yvonne voltou! Isso é que eu nunca vou entender. Ela voltou para o homem!” M. Laruelle se reaproximou da mesa, onde se serviu e tomou um copo de água mineral de Tehuacan. Disse:

“Salud y pesetas.”

“Y tiempo para gastarlas”, completou seu amigo, pensativo.

M. Laruelle observou o médico se recostando na espreguiçadeira, bocejando, o rosto mexicano imperturbável, moreno, bonito, incrivelmente bonito, os olhos castanho-escuros bondosos, inocentes também, como os olhos daquelas ávidas e lindas crianças oaxaqueñas que se viam em Tehuantepec (aquele lugar ideal onde as mulheres trabalhavam enquanto os homens se banhavam no rio o dia inteiro), as mãozinhas delgadas, os pulsos finos, em cima dos quais era quase chocante ver despontarem pelos pretos e ásperos. “Já tirei isso da cabeça faz tempo, Arturo”, ele disse em inglês e removeu o cigarro da boca com refinados dedos nervosos nos quais tinha a consciência de usar um excesso de anéis. “O que eu acho mais...” M. Laruelle notou que seu cigarro apagara e serviu-se de outro anis.

“Con permiso”, o dr. Vigil fez surgir do bolso a chama de um isqueiro tão depressa que ele já parecia estar aceso ali dentro, que fizera surgir a chama de si mesmo, o gesto e o acender num único movimento; estendeu o fogo a M. Laruelle. “Você nunca foi à igreja dos desolados aqui”, perguntou de repente, “onde tem a Virgem para aqueles que não têm ninguém com eles?”

M. Laruelle balançou a cabeça.

“Ninguém vai lá. Só aqueles que não têm ninguém com eles”, o médico disse devagar. Guardou o isqueiro e olhou o relógio com um giro rápido do pulso. “Allons-nous-en”, acrescentou, “vámonos”, e riu num bocejo com uma série de acenos de cabeça que pareceram conduzir seu corpo para a frente até a cabeça estar pousada entre as mãos. Depois se levantou, foi até M. Laruelle no parapeito e respirou fundo. “Ah, mas esta é a hora que eu adoro, com o sol se pondo, quando todos homem começa cantar e todos cachorros ladronar...”

M. Laruelle riu. Enquanto conversavam, o céu se tornara agitado e tempestuoso ao sul; os celebrantes tinham deixado a encosta do morro. Abutres preguiçosos voavam no alto, pairavam contra o vento. “Umas oito e meia então, acho que vou ao cine por uma hora.”

“Bueno. Te vejo mais tarde então, no lugar que você sabe. Lembre que eu ainda não acredito que você vai embora amanhã.” Estendeu a mão, que M. Laruelle apertou com força, com afeto por ele. “Tente, venha agora de noite, se não, por favor, saiba que estou sempre interessado na sua saúde.”

“Hasta la vista.”

“Hasta la vista.”

Sozinho, parado à margem da rodovia pela qual viera quatro anos antes no último quilômetro daquela bela, longa e louca jornada desde Los Angeles, M. Laruelle também achava difícil acreditar que estava mesmo indo embora. Então a ideia do amanhã pareceu quase insuportável. Ele tinha parado, sem saber que rumo tomar para casa,

quando o pequeno ônibus superlotado, Tomalín-Zócalo, passou sacudindo ladeira abaixo na direção da barranca antes de subir para Quauhnahuac. Relutante, ele ia seguir nessa mesma direção esta noite. Atravessou a rua, foi para a estação. Embora não fosse viajar de trem, a sensação de partida, sua iminência, baixou pesada sobre ele outra vez quando, evitando infantilmente os pontos travados, seguiu caminho pelos trilhos de bitola estreita. A luz do sol poente rebatia nos tanques de óleo no aterro gramado adiante. A plataforma dormia. Os trilhos estavam vazios, os sinais erguidos. Quase nada sugeria que algum trem chegasse àquela estação, muito menos que partisse dela:

## QUAUHNAHUAC

No entanto, pouco menos de um ano atrás, o lugar fora cenário de uma partida que ele nunca esqueceria. Ele não gostara do meio-irmão do cônsul em seu primeiro encontro, quando ele viera com Yvonne e o próprio cônsul à casa de M. Laruelle na Calle Nicaragua, nem um pouco mais, ele sentia agora, do que Hugh gostara dele. A aparência estranha de Hugh — embora fosse tamanho o efeito perturbador de encontrar Yvonne outra vez, que ele não reteve nem mesmo a impressão de estranheza com a mesma força que sentiu imediatamente mais tarde, em Parián, ao reconhecê-lo — era como se fosse apenas uma caricatura da amável descrição meio amarga que o cônsul fizera dele. Então aquele era o menino de quem M. Laruelle lembrava vagamente ter ouvido falar anos antes! Em meia hora, o descartou como um chato irresponsável, um profissional marxista de gabinete, vaidoso e convencido, de fato, mas que afetava um romântico ar extrovertido. Enquanto Hugh, que por várias razões decerto não havia sido “preparado” pelo cônsul para conhecer M. Laruelle, sem dúvida o viu como um tipo ainda mais precioso de chato, um velho esteta, um solteirão confirmadamente promíscuo, com maneiras bastante untuosas e possessivas em relação às mulheres. Mas,



três noites insones depois, toda uma eternidade tinha sido vivida: tristeza e perplexidade diante de uma catástrofe inadmissível haviam aproximado todos. Nas horas que se seguiram a seu telefonema de volta a Hugh, que havia ligado de Parián, M. Laruelle descobriu muita coisa sobre Hugh: suas esperanças, seus medos, seus autoenganos, seus desesperos. Quando Hugh se foi, era como se ele tivesse perdido um filho.

Sem se preocupar com sua roupa de tênis, M. Laruelle subiu pelo aterro. No entanto, ele estava certo, disse a si mesmo ao chegar ao topo e se deter para respirar, certo, depois que o cônsul tinha sido “descoberto” (embora nesse meio-tempo a situação grotescamente patética tivesse se desenvolvido até o ponto em que não havia um cônsul britânico em Quauhnhuac a quem apelar, nessa primeira ocasião em que era tão urgente a presença dele), estava certo em insistir que Hugh devia deixar de lado todos os escrúpulos convencionais e gozar de todas as vantagens da curiosa relutância da “polícia” em detê-lo — a ansiedade da polícia que em tudo dava a impressão de querer se livrar dele quando parecia altamente lógico que eles deviam detê-lo como testemunha, ao menos no que se referia a um aspecto daquilo que agora, à distância, se poderia quase qualificar como o “caso” — e no momento mais breve possível embarcar naquele navio que providencialmente o esperava em Vera Cruz. M. Laruelle olhou a estação lá atrás; Hugh deixara um vazio. Em certo sentido, havia levantado acampamento junto com a última de suas ilusões. Porque Hugh, aos vinte e nove anos, ainda sonhava, mesmo então, mudar o mundo (não havia outro jeito de dizer isso) com suas ações — assim como Laruelle, aos quarenta e dois, ainda não havia perdido inteiramente a esperança de mudá-lo com os grandes filmes que se propunha de alguma forma a realizar. Mas até hoje seus sonhos pareciam absurdos e presunçosos. Afinal de contas, ele havia feito grandes filmes como eram os grandes filmes no passado. E até onde sabia eles não tinham mudado o mundo em absolutamente nada. No entanto, adquirira certa identidade com Hugh. Assim como Hugh, ele ia para

Vera Cruz; e também como Hugh, não sabia se seu navio chegaria um dia a um porto...

O caminho de M. Laruelle atravessou campos semicultivados ladeados por trilhas estreitas e gramadas, pisadas pelos plantadores de cactos ao voltar do trabalho para casa. Até então, era um caminho favorito, embora não trilhado desde antes das chuvas. As folhas dos cactos estavam atraentes com seu frescor; as árvores verdes iluminadas pelo sol do entardecer podiam ser chorões que oscilavam ao vento de tempestade que se erguera; um lago de luz amarela apareceu à distância abaixo de morros atraentes como pães. Mas agora havia algo maligno no anoitecer. Nuvens negras mergulhavam em direção ao sul. O sol despejava vidro derretido nos campos. Os vulcões pareciam aterrorizantes no indomável pôr do sol. M. Laruelle caminhou depressa, com os bons tênis pesados que já devia ter posto na mala, balançando a raquete. Uma sensação de medo tomara conta dele outra vez, uma sensação de ser, depois de todos esses anos e em seu último dia ali, ainda um estranho. Quatro anos, quase cinco, e ainda se sentia como um viajante em outro planeta. Não que isso tornasse menos duro ir embora, ainda que ele fosse em breve, se Deus quisesse, rever Paris. Ah, bom! Tinha poucas emoções em relação à guerra, a não ser que era uma coisa ruim. Um lado ou outro iria vencer. De qualquer jeito, a vida seria difícil. Embora fosse pior se os Aliados perdessem. De qualquer jeito, a batalha de cada um continuaria.

Com que frequência e assombro a paisagem mudava! Agora os campos estavam cheios de pedras: havia uma fileira de árvores mortas. Um arado perdido, silhuettato contra o céu, erguia os braços em muda súplica; outro planeta, ele pensou de novo, um estranho planeta onde, se olhasse um pouco mais adiante, além das Tres Mariás, encontrava-se todo tipo de paisagem ao mesmo tempo, as Cotswold, as Windermere, New Hampshire, os prados de Eure-et-Loire, até as dunas cinzentas de Cheshire, até o Saara, um planeta no qual, num piscar de olhos, podia-se mudar de clima, e dando-se ao trabalho de pensar a respeito, num



cruzamento de rua, três civilizações; mas era belo, não havia como negar sua beleza, fatal ou purificadora que fosse, a beleza do próprio Paraíso Terreno.

Porém no Paraíso Terreno o que ele tinha feito? Fizera poucos amigos. Arranjara uma amante mexicana com quem discutia e numerosos ídolos maias que não poderia levar embora do país, e tinha...

M. Laruelle se perguntou se ia chover: chovia às vezes, embora raramente naquela época do ano, como no ano passado, por exemplo, chovera quando não devia. E aquelas nuvens ao sul eram de tempestade. Imaginou que sentia cheiro de chuva, e passou por sua cabeça que nada seria melhor do que se molhar, ficar encharcado até a pele, e caminhar e caminhar por aquele país selvagem com sua roupa branca de flanela mais e mais e mais molhada. Olhou as nuvens: cavalos escuros, rápidos, percorriam o céu. Uma tempestade sombria irrompia fora de estação! Assim era o amor, pensou; amor que vinha tarde demais. Só que nenhuma calma saudável o sucedia, como quando a fragrância da noite ou a luz vagarosa do sol e seu calor voltavam à terra surpreendida! M. Laruelle apressou o passo ainda mais. E permitir que tal amor o deixasse mudo, cego, louco, morto — seu destino não seria alterado por uma imitação. *Tonnerre de dieu...* Dizer como era o amor que vinha tarde demais em nada aplacava a sede.

A cidade estava quase diretamente à sua direita agora e acima dele, porque M. Laruelle seguira aos poucos morro abaixo desde que deixara o Casino de la Selva. Do campo que ele estava atravessando, podia ver, acima das árvores na encosta da montanha e além da forma acastelada e escura do Palácio Cortez, a roda-gigante girando devagar, já acesa, na praça de Quauhahuac; ele achou que distinguia o som de riso humano que subia de suas gôndolas luminosas e, de novo, aquela leve embriaguez de vozes que cantavam, diminuía e morriam ao vento, por fim inaudíveis. Uma tristonha canção americana, o St. Louis Blues, ou algo assim, vinha até ele pelos campos, às vezes uma onda sonora ao vento, da

qual subiam respingos tagarelas que pareciam não tanto quebrar, mas ir bater nas paredes e torres dos arrabaldes; depois, com um gemido, eram sugadas de volta pela distância. Ele se viu numa alameda que atravessava a cervejaria até a rua Tomalín. Chegou à rua Alcapancingo. Passou um carro e, de rosto virado para o outro lado, enquanto esperava a poeira baixar, lembrou-se daquela vez em que rodava de carro com Yvonne e o cônsul no leito do lago mexicano, ele próprio certa vez a cratera de um imenso vulcão, e viu de novo o horizonte suavizado pela poeira, os ônibus que atravessavam depressa os redemoinhos de pó, os rapazes sacolejando em pé na carroceria de caminhões, agarrados contra a morte, os rostos cobertos por causa da poeira (e havia nisso uma magnificência que ele nunca sentira, algum simbolismo do futuro, para o qual preparativos realmente grandes haviam sido feitos por um povo heroico, uma vez que por todo o México viam-se caminhões trovejantes com aqueles jovens construtores em cima, eretos, as calças batendo com força, pernas plantadas abertas, firmes) e ao sol, no morro redondo, a solitária seção de poeira que avançava, os montes escurecidos pelo pó junto ao lago como ilhas debaixo de chuva. O cônsul, cuja antiga casa M. Laruelle agora divisava na encosta além da barranca, também parecera bem feliz na época, quando vagara por Cholula com suas trezentas e seis igrejas, duas barbearias, a Toalete e o Harém, escalara a pirâmide em ruínas depois, que ele orgulhosamente insistia ser a Torre de Babel original. Admirável como ele escondera o que devia ser a babel de seus pensamentos!

Dois índios esfarrapados se aproximavam de M. Laruelle através da poeira; discutiam, mas com a profunda concentração de professores universitários num passeio ao entardecer de um verão na Sorbonne. Suas vozes, os gestos de suas refinadas mãos encardidas eram inacreditavelmente corteses, delicados. O porte deles sugeria a majestade de príncipes astecas, os rostos, esculturas obscuras de ruínas de Yucatan:

“... perfectamente borracho...”



“... completamente fantástico...”

“Sí, hombre, la vida impersonal...”

“Claro, hombre...”

“¡Positivamente!”

“Buenas noches.”

“Buenas noches.”

Eles passaram na penumbra. A roda-gigante sumiu de vista: os ruídos da feira, a música, em vez de ficarem mais próximos, cessaram temporariamente. M. Laruelle olhou para oeste; um cavaleiro às antigas, com raquete de tênis por escudo e lanterna de bolso por documento, ele sonhou um momento com batalhas que a alma sobrevivera para ali vagar. Tencionava virar em outra alameda à direita, que passava em frente à fazenda-modelo onde pastavam os cavalos do Casino de la Selva e que dava diretamente em sua rua, a Calle Nicaragua. Mas, num impulso repentino, virou à esquerda na rua que seguia em frente à prisão. Sentiu um obscuro desejo de, em sua última noite, dar adeus à ruína do Palácio de Maximiliano.

Para o sul, um imenso arcanjo, negro como trovão, bateu as asas vindo do Pacífico. No entanto, afinal de contas, a tempestade continha sua própria calma secreta... Sua paixão por Yvonne (se ela jamais seria ou não uma boa atriz não vinha ao caso, ele havia sido sincero quando dissera que ela seria mais que boa em qualquer filme que ele fizesse) devolvera a seu coração, de uma forma que ele não conseguiria explicar, a primeira vez que tinha visto, sozinho, quando caminhava pelos campos de Saint Près, a sonolenta aldeia francesa de água paradas, eclusas e moinhos d'água cinzentos fora de uso onde estava hospedado, erguendo-se devagar e deslumbrante de uma beleza ilimitada acima dos campos podados onde oscilavam flores silvestres, erguendo-se lentamente ao sol, como séculos antes os peregrinos que pisavam aqueles mesmos campos tinham visto se erguerem as torres gêmeas da Catedral de Chartres. Seu amor trouxera uma paz, mesmo que muito breve, que era estranhamente

igual ao encantamento, à magia, de Chartres, havia muito tempo, cujas ruazinhas e cafés ele passara a amar, dos quais podia olhar a catedral singrando eternamente as nuvens, um encanto que nem mesmo o fato de ele estar escandalosamente endividado podia quebrar. M. Laruelle caminhou depressa para o Palácio. Nem tinha qualquer remorso pelo cônsul ter rompido aquele outro encanto quinze anos antes ali em Quauhnhuac! A propósito, M. Laruelle refletiu, o que reaproximara o cônsul e ele durante algum tempo, mesmo depois que Yvonne foi embora, não era, de nenhum dos dois lados, remorso. Era talvez, em parte, mais o desejo por aquele conforto ilusório, quase tão satisfatório como morder com um dente dolorido, a ser fruído no pretexto mútuo de que Yvonne ainda estava ali.

Ah, mas essas coisas poderiam parecer uma razão muito boa para pôr o mundo inteiro entre eles e Quauhnhuac! No entanto, nenhum dos dois o fizera. E agora M. Laruelle podia sentir o peso deles a pressioná-lo de fora, como se de algum modo tivesse sido transferido para todas aquelas montanhas roxas à sua volta, tão misteriosas, com suas minas de prata secretas, tão recolhidas e no entanto tão próximas, tão calmas, e dessas montanhas emanava uma estranha força melancólica que tentava conservá-lo corporalmente ali e que era o peso delas, o peso de muitas coisas, mas sobretudo o peso da tristeza.

Passou por um campo onde um Ford azul desbotado, uma ruína total, tinha sido empurrado contra uma cerca viva num aclave: debaixo das rodas dianteiras tinham posto dois tijolos para impedir uma partida involuntária. O que você está esperando, ele sentiu vontade de perguntar, com uma espécie de parentesco, de empatia por aqueles retalhos de abas velhas de capô... *Querido, por que fui embora? Por que você deixou que eu fosse?* Não eram dirigidas a M. Laruelle as palavras de Yvonne naquele cartão-postal muito atrasado, cartão-postal que o cônsul devia ter posto maliciosamente debaixo de seu travesseiro em algum momento daquela última manhã — mas como ter certeza de quando?



—, como se o cônsul tivesse calculado tudo, *sabendo* que M. Laruelle o encontraria no momento exato em que Hugh, perturbado, ligaria de Parián. Parián! À sua direita, erguiam-se os muros da prisão. No alto da torre de vigia, apenas visíveis acima delas, dois guardas investigavam o leste e o oeste com binóculos. M. Laruelle atravessou uma ponte sobre o rio, depois tomou um atalho através de uma ampla clareira na floresta, evidentemente projetada como um jardim botânico. Do sudeste, vinham aves em bando: aves pequenas, pretas, feias, mas compridas demais, algo como insetos monstruosos, algo como corvos, com caudas estranhas e compridas em um voo ondulante, instável, trabalhoso. Fragmentadoras do crepúsculo, batiam fervorosamente as asas a caminho de casa, como faziam todo entardecer, para se aninhar entre as árvores de freixo no zócalo, que até o cair da noite ressoaria com os incessantes gritos mecânicos e penetrantes delas. Disperso, o bando se calou e acomodou-se. Quando ele chegou ao Palácio, o sol tinha se posto.

Apesar de seu *amour propre*, ele imediatamente lamentou ter ido por ali. As colunas cor-de-rosa quebradas, na penumbra, podiam estar à espera de cair em cima dele: a piscina, coberta de espuma verde, os degraus arrebitados presos por um gancho podre, para despencar sobre sua cabeça. A malcheirosa capela em ruínas, tomada pelo mato, as paredes desmoronadas, manchadas de urina, nas quais espreitavam escorpiões — entablamento arruinado, arquivolta tristonha, pedras escorregadias, cobertas de excremento —, este lugar, onde o amor um dia brotara, parecia parte de um pesadelo. E Laruelle estava cansado de pesadelos. A França, mesmo disfarçada de austríaca, não podia se transferir para o México, pensou. Maximiliano tinha sido infeliz em seus palácios também, pobre-diabo. Por que tinham que chamar de Miramar também aquele outro palácio fatal em Trieste, onde Carlota enlouqueceu, e todos que lá viveram, desde a imperatriz Elizabeth da Áustria até o arquiduque Ferdinando, tiveram mortes violentas? No entanto, como deviam ter amado esta terra, esses dois solitários exilados

envergonhados, seres humanos afinal, amantes fora de seu elemento — seu éden, sem que nenhum dos dois soubesse exatamente por quê, começara a se transformar em uma prisão bem debaixo do nariz deles e a cheirar como uma cervejaria, sua única majestade afinal a majestade da tragédia. Fantasmas. Fantasmas, como no Casino, certamente viviam ali. E um fantasma que ainda dizia: “É nosso destino vir para cá, Carlota. Olhe esse glorioso campo ondulando, essas montanhas, vales, vulcões tão belos que mal se acredita. E pensar que são nossos! Vamos ser bons e construtivos, nos tornarmos dignos disto aqui!”. Ou havia fantasmas que discutiam: “Não, você amou a si mesmo, amou a sua desgraça mais do que a mim. Você atraiu isso deliberadamente para nós”. “Eu?” “Você sempre teve gente que cuidava de você, te amava, te usava, te conduzia. Você ouviu a todos, menos a mim, que te amei de verdade.” “Não, você é a única pessoa que eu sempre amei.” “Sempre? Você só amou a si mesmo.” “Não, foi você, sempre você, você tem que acreditar em mim, por favor: você deve lembrar que sempre planejamos ir para o México. Lembra?... É, tem razão. Tive a minha chance com você. Nunca terei outra chance igual!” E de repente choravam juntos ali, apaixonadamente.

Mas era a voz do cônsul, não de Maximiliano, que M. Laruelle quase podia ouvir no Palácio: e se lembrou, ao seguir adiante, agradecido por finalmente chegar à Calle Nicaragua, mesmo que no fim dela, do dia em que topara com o cônsul e Yvonne abraçados ali; não foi muito depois da chegada deles ao México, e como o Palácio lhe parecera diferente então! M. Laruelle diminuiu o passo. O vento abrandara. Ele abriu o casaco de tweed (comprado porém na High Life, que na Cidade do México se pronunciava Itchilif) e afrouxou seu lenço azul de bolinhas. A noite estava excepcionalmente opressiva. E tão silenciosa. Nem um som, nem um grito chegava a seus ouvidos. Nada além da desajeitada força de sucção de seus passos... Nem só uma alma à vista. M. Laruelle sentia-se também ligeiramente irritado, a calça o apertava. Estava engordando muito, já havia engordado demais no México, o que sugeria outra



estranha razão para algumas pessoas pegarem em armas, que nunca chegaria aos jornais. Sem nenhum motivo, vibrou no ar a raquete de tênis, no movimento de um saque, de uma devolução: mas estava pesada demais, tinha esquecido dos protetores. Passou pela fazenda-modelo à sua direita, por prédios, campos, morros agora sombreados na escuridão que avançava rápida. A roda-gigante estava visível outra vez, só o topo dela ardia em silêncio no alto da colina, quase diretamente à sua frente, depois as árvores a encobriram. A rua, que era terrível e cheia de buracos, subia ali, íngreme; ele se aproximava da pequena ponte sobre a barranca, a ravina profunda. No meio da ponte parou; acendeu outro cigarro naquele que estava fumando, inclinou-se sobre o parapeito e olhou para baixo. Estava muito escuro para ver o fundo, mas: ali havia de fato um fim, e uma fenda! Quauhnahuac era como o tempo sob esse aspecto, para onde quer que alguém se voltasse o abismo estava à espera logo depois da esquina. Dormitório para abutres e para o Moloc da cidade! Quando crucificaram Cristo, assim dizia a lenda hierática, nascida no mar, a terra se abriu ao longo de todo aquele país, embora a coincidência dificilmente pudesse impressionar alguém naquela época! Foi sobre essa ponte que o cônsul um dia sugeriu a ele que fizesse um filme sobre a Atlântida. Sim, debruçado bem dessa maneira, bêbado, mas controlado, coerente, um pouco louco, um pouco impaciente — era uma daquelas ocasiões em que o cônsul bebia para ficar sóbrio —, tinha lhe falado sobre o espírito do abismo, sobre o deus da tempestade, “huracán”, que “atestava tão sugestivamente o relacionamento entre os lados opostos do Atlântico”. Sabe-se lá o que queria dizer.

Se bem que não tinha sido a primeira vez que o cônsul e ele haviam parado para olhar um abismo. Pois existira sempre, séculos atrás — e como se podia esquecer? —, o “Bunker do Inferno”: e aquele outro encontro que parecia guardar alguma obscura relação com o último no Palácio de Maximiliano... Teria a descoberta do cônsul ali, em Quauhnahuac, sido realmente tão excepcional, a descoberta de que seu

velho parceiro de brincadeiras — dificilmente poderia chamá-lo de “colega de escola” —, que não via fazia quase um quarto de século, morava de fato na mesma rua que ele, e isso, sem que soubesse, havia já seis semanas? Provavelmente não; provavelmente tinha sido apenas uma dessas correspondências sem sentido que podiam ser rotuladas de: “a brincadeira favorita dos deuses”. Mas como lhe voltavam vivas agora aquelas velhas férias à beira-mar na Inglaterra!

M. Laruelle, que nascera em Languion, na região de Moselle, mas cujo pai, um rico filatelista de hábitos reservados, se mudara para Paris, na infância geralmente passava as férias de verão com seus pais na Normandia. Courseulles, em Calvados, no canal da Mancha, não era um recanto muito elegante. Longe disso. Havia algumas pensões batidas pelo vento, quilômetros de dunas desoladas, e o mar era frio. Entretanto, foi para Courseulles que, no escaldante verão de 1911, a família do famoso poeta inglês Abraham Taskerson se deslocou, trazendo com ela o estranho órfão anglo-indiano, uma criatura contemplativa de quinze anos, tão tímida e ao mesmo tempo tão curiosamente reservada, que escrevia poesias que o velho Taskerson (que ficara em casa) parecia estimular, e que às vezes caía em prantos se em sua presença mencionava-se a palavra “pai” ou “mãe”. Jacques, mais ou menos da mesma idade, sentira-se estranhamente atraído por ele: e como os outros meninos Taskerson — pelo menos seis, a maioria mais velha e, aparentemente, todos de uma casta mais rústica, embora fossem de fato aparentados com o jovem Geoffrey Firmin — tendiam a se juntar e deixar o rapaz sozinho, Jacques estava sempre com ele. Passeavam juntos pela praia com dois velhos bastões trazidos da Inglaterra e algumas bolas de golfe de guta-percha sendo gloriosamente lançadas ao mar em sua última tarde. “Joffrey” passou a ser “Old Bean”. Mère Laruelle, para quem, no entanto, ele era “aquele lindo jovem poeta inglês”, também gostava dele e mère Taskerson se afeiçoara ao rapaz francês: como resultado, Jacques foi convidado a passar o mês de setembro na Inglaterra com os



Taskerson, onde Geoffrey permaneceria até o começo do semestre escolar. O pai de Jacques, que planejava mandá-lo a uma escola inglesa até completar dezoito anos, consentiu. Ele admirava particularmente o porte ereto e viril dos Taskerson... E foi assim que M. Laruelle foi parar em Leasowe.

Era uma espécie de versão adulta, civilizada de Courseulles na costa noroeste da Inglaterra. Os Taskerson moravam em uma casa confortável, cujo quintal ficava encostado em um lindo campo de golfe ondulante, limitado no outro extremo pelo mar. Parecia o mar; na verdade era o estuário de um rio com mais de dez quilômetros de largura: rochas brancas a oeste marcavam o começo do mar de verdade. Os montes de Gales, áridos, negros e enevoados, com um ocasional pico nevado para fazer Geoff se lembrar da Índia, ficavam do outro lado do rio. Durante a semana, quando tinham permissão para brincar, o campo ficava deserto: papoulas-marinhas amarelas e esfarrapadas tremulavam na grama áspera da areia. Na costa, ficavam os resquícios de uma floresta antediluviana com feios tocos negros de árvores à mostra e mais adiante um velho farol deserto atarracado. Havia uma ilha no estuário, com um moinho igual a uma curiosa flor negra, à qual se podia chegar na maré baixa, montado num burrico. A fumaça dos cargueiros que partiam para Liverpool pairava baixa no horizonte. Havia uma sensação de espaço e vazio. Só nos fins de semana a região deles sofria certa desvantagem: embora a temporada chegasse ao fim e os cinzentos hotéis hidropáticos ao longo dos passeios estivessem quase vazios, o campo de golfe ficava lotado o dia inteiro com corretores de Liverpool jogando em grupos de quatro. Da manhã de sábado até a noite de domingo, uma chuva constante de bolas de golfe voava dali e bombardeava o telhado. Então era um prazer ir com Geoffrey à cidade, cheia de garotas lindas e sorridentes, passear pelas ruas ensolaradas e ventosas ou assistir a um dos shows cômicos de Pierrot na praia. Ou, melhor ainda, eles podiam sair velejando no lago marinho em um iate de doze pés emprestado e habilmente conduzido por Geoffrey.

Geoffrey e ele ficavam — assim como em Courseulles — bastante soltos. E Jacques agora entendia mais claramente por que tinha estado tão pouco com os Taskerson na Normandia. Aqueles rapazes eram caminhantes portentosos, sem precedentes. Não achavam grande coisa caminhar quarenta, cinquenta quilômetros num dia. Mas o que parecia ainda mais estranho, uma vez que nenhum deles estava acima da idade escolar, era serem beberrões portentosos, sem precedentes. Em um simples trajeto de sete quilômetros paravam em outros tantos pubs para tomar uma ou duas poderosas cervejas cada um. Até o mais novo, que ainda não tinha quinze anos, dava conta de uns bons três litros em uma tarde. E, se alguém passava mal, sorte dele. Abria espaço para mais. Nem Jacques, que tinha o estômago fraco — embora estivesse acostumado a certa quantidade de vinho em casa —, nem Geoffrey, que não gostava de cerveja e, além disso, frequentava uma escola wesleyana rigorosa, aguentavam aquele ritmo medieval. Mas de fato a família inteira bebia imoderadamente. O velho Taskerson, um homem inteligente e bondoso, havia perdido o único dos filhos que herdara algum grau de seu talento literário; toda noite ele ficava pensando sentado em seu estúdio, com a porta aberta, bebendo hora após hora, os gatos no colo, estralejando o jornal da tarde em distante reprovação aos outros filhos, que na maioria ficavam sentados hora após hora bebendo na sala de jantar. A sra. Taskerson, uma mulher diferente em sua casa, onde talvez sentisse menos necessidade de causar boa impressão, ficava com os filhos, seu lindo rosto afogueado, desaprovava-os um pouco também, mesmo assim bebia alegremente como todos à mesa. Verdade que os rapazes estavam sempre à frente. Não que fossem do tipo que é visto cambaleando pelas ruas. Era ponto de honra para eles que, quanto mais bêbados estivessem, mais sóbrios deviam parecer. Como regra, andavam fabulosamente eretos, ombros para trás, olhar à frente, como sentinelas a postos, e só no fim do dia caminhavam muito, muito devagar, mas com aquele mesmo “porte ereto e viril”, em suma, que tanto impressionara o pai de M.



Laruelle. Mesmo assim, não era ocorrência nada rara encontrar de manhã a família inteira dormindo no chão da sala de jantar. No entanto, ninguém parecia se sentir nada mal com isso. E a despensa estava sempre abarrotada com barris de cerveja a serem abertos por quem quisesse. Saudáveis e fortes, os rapazes comiam como leões. Devoravam uma horrorosa massa de estômago de carneiro e embutidos conhecidos como *black* ou *blood puddings*, uma espécie de conglomerado de vísceras envolto em aveia que Jacques temia ser, pelo menos em parte, em sua homenagem — *boudin*, sabe, Jacques —, enquanto o Old Bean, agora mencionado com frequência como “aquele Firmin”, permanecia sentado sem jeito e deslocado, o copo de cerveja clara amarga intocado, tentando timidamente conversar com o sr. Taskerson.

De início, foi difícil entender o que fazia “aquele Firmin” com aquela família improvável. Ele não tinha gostos em comum com os rapazes Taskerson nem estava na mesma escola. No entanto, era fácil ver que os parentes que o enviaram haviam agido com o melhor dos motivos. Geoffrey “andava sempre com o nariz enfiado num livro”, de forma que “o primo Abraham”, cuja obra tinha um aspecto religioso, seria o “homem certo” para ajudá-lo. Quanto aos rapazes, provavelmente sabiam tão pouco a respeito deles quanto a própria família de Jacques: eles conquistavam todos os prêmios de línguas na escola e todos os prêmios de atletismo: sem dúvida esses bons rapazes animados seriam “perfeitos” para ajudar o pobre Geoffrey a superar sua timidez e a parar de fantasiar sobre seu pai e a Índia. O coração de Jacques vibrava pelo pobre Old Bean. Sua mãe havia morrido quando ele era criança, na Caxemira, e no ano anterior ou pouco antes o pai, que se casara de novo, havia simplesmente desaparecido, o que foi um escândalo. Ninguém na Caxemira ou em qualquer outro lugar sabia exatamente o que acontecera com ele. Um dia, havia subido o Himalaia e desaparecido, deixando Geoffrey em Srinagar com seu meio-irmão, Hugh, então bebê de colo, e a madrasta. Depois, como se não bastasse, a madrasta também morreu e

os dois filhos ficaram sozinhos na Índia. Pobre Old Bean! Apesar de sua esquisitice, ele ficava realmente muito tocado com a bondade que demonstravam com ele. Ficava tocado até por ser chamado de “aquele Firmin”. E era dedicado ao velho Taskerson. M. Laruelle sentia que à sua maneira ele era dedicado a todos os Taskerson e que os defenderia até a morte. Havia nele algo tocantemente desamparado e ao mesmo tempo muito leal. Afinal de contas, os rapazes Taskerson tinham, à sua monstruosa maneira gozadora inglesa, feito todo o possível para não deixá-lo isolado e para demonstrar comiseração nas primeiras férias de verão dele na Inglaterra. Não podiam fazer nada se ele não conseguia beber três litros e meio de cerveja em catorze minutos ou caminhar oitenta quilômetros sem cair. Era em parte devido a eles que o próprio Jacques estava ali para lhe fazer companhia. E eles *tinham* talvez conseguido em parte fazê-lo superar a timidez. Pois com os Taskerson Old Bean aprendera ao menos, assim como Jacques aprendera com ele, a arte inglesa de “pegar meninas”. Eles tinham uma absurda canção de Pierrot, cantada de preferência com o sotaque francês de Jacques.

*Oh we allll WALK ze wibberlee wobberlee WALK  
And we allll TALK ze wibberlee wobberlee TALK  
And we allll WEAR ze wibberlee wobberlee TIES  
And look at all ze pretty girls with wibberlee wobberlee eyes. Oh  
We allll SING ze wibberlee wobberlee SONG  
Until ze day is dawn-ing,  
And we all have zat wibberlee wobberlee wobberlee wibberlee wibberlee  
wobberlee feeling  
In ze morning. \**

Depois, o ritual era gritar “Hi” e ir atrás de alguma garota cuja admiração você imaginava ter excitado se acontecia de ela se virar. Se tivesse de fato e fosse depois do pôr do sol, você ia com ela ao campo de golfe, que era cheio, como diziam os Taskerson, de bons “lugares para



sentar”. Eles ficavam nos bunkers ou em valas entre as dunas. Os bunkers em geral estavam cheios de areia, mas eram abrigados do vento e profundos; nenhum mais fundo que o “Bunker do Inferno”. O Bunker do Inferno era um azarão a ser evitado, bem perto da casa dos Taskerson, no meio do longo declive do fairway oito. Dava para o green de certa forma, embora bem longe, bem abaixo dele e ligeiramente para a esquerda. O abismo se abria em posição adequada para engolir a terceira tacada de um jogador como Geoffrey, um belo golfista de graça natural e talvez a décima quinta de um desajeitado como Jacques. Jacques e Old Bean sempre concluía que o Bunker do Inferno era um bom lugar para levar uma garota, embora para onde quer que fosse levada estava subentendido que nada muito sério aconteceria. No geral, havia, em toda a história de “pegar uma menina”, um ar de inocência. Depois de algum tempo Old Bean, que era virgem, para dizer o mínimo, e Jacques, que fingia não ser, deram para pegar meninas no passeio, ir até o campo de golfe para ali se separarem e se encontrarem mais tarde. Havia, estranhamente, horários bastante regulares na casa dos Taskerson. Até hoje M. Laruelle não sabia por que não houve um entendimento a respeito do Bunker do Inferno. Ele decerto não teve nenhuma intenção de espionar Geoffrey. Por acaso, atravessava com sua garota, que o entediava, o fairway oito na direção do Leasowe Drive, quando ambos foram surpreendidos por vozes vindas do bunker. Então o luar revelou a cena bizarra da qual nem ele nem a garota conseguiram desviar os olhos. Laruelle teria se afastado depressa, mas nenhum dos dois — ambos não de todo conscientes do impacto sensorial do que ocorria no Bunker do Inferno — conseguiu controlar o riso. Curiosamente, M. Laruelle nunca se lembrou do que nenhum deles disse, apenas da expressão no rosto de Geoffrey ao luar, do jeito grotesco e desajeitado com que a garota se pôs de pé e, depois, que tanto Geoffrey como ele se portaram com notável elegância. Foram todos a uma taverna com um nome estranho, algo como “O Caso Alterado”. Era patentemente a primeira vez que o cônsul

ia a um bar por sua própria iniciativa; ele pediu em voz alta uma rodada de Johnny Walker, mas o garçom, ao deparar com o proprietário, recusou-se a servi-los e eles foram dispensados como menores de idade. Infelizmente, por alguma razão a amizade deles não sobreviveu a essas duas tristes, embora sem dúvida providenciais, pequenas frustrações. Nesse meio-tempo, o pai de M. Laruelle havia desistido da ideia de mandá-lo à escola na Inglaterra. As férias se dissiparam em desolação e ventos equinociais. Houve uma melancólica e triste despedida em Liverpool e uma triste e melancólica viagem até Dover e de volta para casa, sozinho como um mascate de cebolas, no barco assolado pelo mar até Calais...

M. Laruelle endireitou o corpo, instantaneamente consciente de alguma atividade, bem a tempo de sair do caminho de um cavaleiro que havia parado de través na ponte. A escuridão baixara como na Casa de Usher. O cavalo piscava ao farol agitado de um carro, fenômeno raro àquela altura da Calle Nicaragua, que vinha da cidade, deslizando como um navio pela rua assustadora. O homem montado no cavalo estava tão bêbado que se esparramara sobre a montaria, os estribos soltos, o que era um feito, considerando seu tamanho, e mal conseguia segurar as rédeas, embora em nenhum momento segurasse a cabeça da sela para se equilibrar. O cavalo recuava, agitado, rebelde — em parte por medo, em parte talvez por desprezar o cavaleiro —, e de repente saltou na direção do carro: o homem, que de início pareceu estar caindo para trás, miraculosamente se salvou, escorregou para um lado como um cavaleiro de circo, retomou a sela, depois deslizou, escorregou, caiu para trás — e todas as vezes conseguia se salvar, nunca com a cabeça da sela, mas sempre com as rédeas, as duas em uma só mão agora, os estribos ainda não recuperados, enquanto batia com fúria nos flancos do cavalo com um facão que tirara de uma longa bainha curva. Enquanto isso, os faróis iluminaram uma família que subia penosamente o morro, um homem e uma mulher de luto, e duas crianças muito bem-vestidas, que a mulher



puxou para a beira da rua quando o cavaleiro passou depressa, enquanto o homem recuou em direção à vala. O carro parou, diminuiu os faróis para o cavaleiro, depois avançou para M. Laruelle e atravessou a ponte atrás dele. Era um carro silencioso e forte, de fabricação americana, pesado sobre as molas, o motor mal audível, e o som dos cascos do cavalo ressoava claramente, desaparecia agora, ladeando a mal iluminada Calle Nicaragua, passou pela casa do cônsul, onde haveria luz em uma janela que M. Laruelle não queria ver — porque, muito tempo depois de Adão ter deixado o jardim, a luz da casa de Adão continuou acesa —, pelo portão que estava remendado, depois pela escola à esquerda, e o lugar onde ele havia encontrado Yvonne com Hugh e Geoffrey naquele dia — e ele imaginou que o cavaleiro não parou nem na própria casa de Laruelle, onde seus baús se amontoavam ainda arrumados apenas pela metade, mas galopou, descuidado, virou a esquina da Calle Tierra del Fuego e seguiu através da cidade, os olhos loucos como aqueles que logo olharão a morte — e isso também, ele pensou de repente, essa maníaca visão de um frenesi sem sentido, mas controlado, não de todo descontrolado, de alguma forma quase admirável, isso também, obscuramente, era o cônsul...

M. Laruelle passou pelo morro: parou, cansado, na cidade abaixo da praça. Não tinha, porém, subido a Calle Nicaragua. Para evitar a própria casa, tomara um atalho à esquerda, um pouco adiante da escola, um caminho acidentado, cheio de curvas, que ia dar atrás do zócalo. As pessoas o olhavam com curiosidade enquanto ele passeava pela Avenida de la Revolución, ainda com a raquete de tênis. Essa via, quando seguida até o fim, levava de volta à rodovia americana e ao Casino de la Selva; M. Laruelle sorriu: a esse passo ele prosseguiria para sempre numa órbita excêntrica em torno de sua casa. Atrás dele, a feira, à qual mal havia espiado, continuava agitada. A cidade, colorida mesmo à noite, estava brilhantemente iluminada, mas só em certos pontos, como um porto. Sombras ventosas varriam as calçadas. E árvores que ocasionalmente

recebiam sombra pareciam encharcadas de poeira de carvão, os ramos curvados sob o peso da fuligem. O pequeno ônibus passou ruidoso por ele outra vez, agora na direção oposta, freando duro na ladeira íngreme e sem uma luz traseira. O último ônibus para Tomalín. Ele passou diante da janela do dr. Vigil do lado oposto: DR. ARTURO DÍAZ VIGIL, MÉDICO CIRUJANO Y PARTERO, FACULTAD DE MÉXICO, DE LA ESCUELA MÉDICO MILITAR, ENFERMEDADES DE NIÑOS, INDISPOSICIONES NERVIOSAS — e como isso era polido comparado aos anúncios que se encontravam nos mingitorios! — CONSULTAS DE 12 A 2 Y 4 A 7. Um leve exagero, pensou. Jornaleiros passaram correndo a vender exemplares do *Quauhnahuac Nuevo*, a publicação pró-Almazán, pró-Eixo publicada, segundo diziam, pela cansativa Unión Militar. UN AVIÓN DE COMBATE FRANCÉS DERRIBADO POR UM CAZA ALEMÁN. LOS TRABAJADORES DE AUSTRALIA ABOGAN POR LA PAZ. ¿QUIERE VD. — perguntava um cartaz numa vitrine — VESTIRSE CON ELEGANCIA Y A LA ÚLTIMA MODA DE EUROPA Y LOS ESTADOS UNIDOS? M. Laruelle continuou ladeira abaixo. Diante do quartel, dois soldados, com capacetes do exército francês e fardas cinza arroxeadas, desbotadas, cruzadas e recruzadas, com laços verdes, marchavam em sentinela. Ele atravessou a rua. Ao se aproximar do cinema, tomou consciência de que nem tudo estava como deveria estar, que havia no ar uma estranha excitação fora do comum, uma espécie de febre. Instantaneamente ficou muito mais fresco. E o cinema estava apagado, como se não houvesse projeção de filme esta noite. Por outro lado, um grupo grande de pessoas, não uma fila, mas evidentemente alguns frequentadores do cinema que haviam jorrado lá de dentro de forma prematura, estava parado na calçada sob a marquise ouvindo um alto-falante montado numa van que tocava muito alto a Washington Post March. De repente, houve uma trovoada e as luzes da rua se apagaram. Então a luz do cinema já tinha acabado. Chuva, pensou M. Laruelle. Mas a vontade de se molhar o abandonou. Pôs a raquete de tênis dentro do paletó e correu. Neste momento, um vento penetrante



engolfou a rua, espalhou jornais velhos e apagou as bocas de gás das bancas de tortilha: um raio louco riscou o céu acima do hotel em frente ao cinema, seguido de mais um trovão. O vento gemia, as pessoas corriam por toda parte, a maioria rindo, em busca de abrigo. M. Laruelle ouviu a trovoada estalar nos montes atrás dele. Chegou ao cinema bem a tempo. A chuva caía em torrentes.

Parou, sem fôlego, ao abrigo da entrada do cinema que mais parecia, porém, a entrada de algum bazar ou mercado melancólico. Uma multidão de camponeses com cestos. Na bilheteria, momentaneamente desocupada, uma galinha frenética tentava entrar pela porta entreaberta. Por toda parte as pessoas acendiam lanternas ou riscavam fósforos. A van com o alto-falante afastou-se em direção à chuva e ao trovão. LAS MANOS DE ORLAC, dizia um cartaz: 6 Y 8H30. LAS MANOS DE ORLAC, CON PETER LORRE.

As luzes da rua voltaram a se acender, mas o cinema continuou às escuras. M. Laruelle procurou um cigarro. As mãos de Orlac... Pensou como, num relâmpago, aquilo havia trazido de volta os velhos tempos do cinema, na verdade seus dias tardios de estudante, os dias de *O estudante de Praga*, e *Wiene*, Werner Krauss, Karl Grüne, dias da UFA, quando uma Alemanha derrotada conquistava o respeito do mundo culto por meio dos filmes que fazia. Só que na época era Conrad Veidt que interpretava “Orlac”. Curioso é que aquele filme específico dificilmente teria sido melhor que a versão atual, uma produção frouxa de Hollywood a que ele havia assistido anos antes na Cidade do México ou talvez — M. Laruelle olhou em torno —, talvez naquele mesmo cinema. Não era impossível. Mas, pelo que se lembrava, nem mesmo Peter Lorre conseguira salvar o filme e não queria vê-lo de novo... Porém que história complicada e infundável parecia contar, de tirania e santuário, aquele cartaz pendurado acima dele agora, com a imagem do assassino Orlac! Um artista com mãos de assassino; essa era a chamada, o hieroglifo da época. Porque na verdade era a Alemanha que, na horrível

degradação de um cartum ruim, pairava acima dele. Ou seria, por algum incômodo desdobrar da imaginação, o próprio M. Laruelle?

O gerente do cinema estava parado na frente dele e protegia com a mão, com a mesma cortesia repentina, desajeitada e canhestra exibida pelo dr. Vigil, por todos os latino-americanos, um fósforo para o seu cigarro: seu cabelo, intocado pela chuva, que parecia quase envernizado, e um perfume pesado que emanava dele traíam sua visita diária à peluquería; estava vestido de forma impecável, com calça riscada e paletó preto, inflexivelmente *muy correcto*, como a maioria dos mexicanos do seu tipo, apesar de terremotos e tempestades. Ele então jogou longe o fósforo num gesto que não foi supérfluo, porque equivalia a uma saudação. “Venha tomar um drinque”, disse.

“A temporada de chuva demora para passar.” M. Laruelle sorriu enquanto abriam caminho até uma pequena cantina vizinha ao cinema, mas que não compartilhava com ele sua marquise de proteção. A cantina, conhecida como Cervecería XX e que também era o “lugar que você sabe” de Vigil, estava iluminada por velas espetadas em garrafas sobre o balcão e nas poucas mesas ao longo das paredes. As mesas estavam lotadas.

“Chingar”, disse o gerente, baixinho, preocupado, alerta e olhando em torno: tomaram seus lugares, em pé, no fim do curto balcão, onde havia espaço para dois. “Sinto muito que a sessão teve de ser cancelada. Mas os fios estão podres. Chingado. Toda bendita semana acontece alguma coisa com as luzes. Semana passada foi muito pior, terrível mesmo. O senhor sabe que recebemos aqui uma trupe da Cidade do Panamá que veio testar um espetáculo para o México.”

“Se importa se...”

“Não, hombre”, o outro riu. M. Laruelle havia perguntado ao sr. Bustamente, que conseguira atrair a atenção do barman, se ele havia assistido ao filme de Orloc ali antes e em caso afirmativo se tinha sido um sucesso. “... uno...?”



M. Laruelle hesitou. “Tequila.” Depois se corrigiu: “No, anís... anís, por favor, señor”.

“Y una... ah... gaseosa”, disse o sr. Bustamente ao barman. “No, señor.” Ele alisava, avaliava, ainda preocupado, o tecido do paletó de tweed de M. Laruelle mal tocado pela chuva. “Compañero, não reprisamos, não. Só voltou. Outro dia eu passo aqui meu último noticioso também: pode crer, o primeiro filme noticioso da guerra espanhola, que voltou outra vez.”

“Mas tenho visto que você ainda recebe alguns filmes modernos”, M. Laruelle (ele acabara de recusar um lugar no camarote das *autoridades* para a segunda sessão, se houvesse) olhou com um pouco de ironia um cartaz espalhafatoso de três folhas de uma estrela de cinema alemã, embora seus traços parecessem cuidadosamente espanhóis, pendurado atrás do balcão: LA SIMPATIQUÍSIMA Y ENCANTADORA MARÍA LANDROCK, NOTABLE ARTISTA ALEMANA QUE PRONTO HABREMOS DE VER EN SENSACIONAL FILM.

“... un momentito, señor. Con permiso”.

O sr. Bustamente saiu, não pela porta por onde tinham entrado, mas por uma saída lateral atrás do balcão logo à direita deles, que uma cortina separava do cinema. M. Laruelle teve uma boa visão do interior. Dele, exatamente como se a projeção estivesse em curso, vinha um lindo ruído de berros de crianças e mascates que vendiam batatas fritas e frijoles. Era difícil acreditar que tantos tinham deixado seus lugares. Formas escuras de cachorros vadios perambulavam entre as fileiras. As luzes não estavam totalmente apagadas: emitiam uma luminosidade alaranjada e tremulante. Na tela, pela qual transitava uma infundável procissão de sombras à luz de lanternas, via-se, magicamente projetado de cabeça para baixo, um tênue pedido de desculpas pela “sessão suspensa”; no camarote das autoridades, um mesmo fósforo acendeu três cigarros. Ao fundo, onde a luz refletida revelava a palavra SALIDA, ele divisou a figura ansiosa do sr. Bustamente que entrava em seu escritório. Lá fora, trovejava e

chovia. M. Laruelle tomou um gole da água enevoada pelo anís que era primeiro verde e refrescante, depois bem enjoativo. Na verdade, não tinha nada a ver com absinto. Mas o cansaço o deixara e ele começou a sentir fome. Sete horas já. Embora Vigil e ele provavelmente fossem jantar mais tarde no Gambrinus ou no Charley's Place. De um pires, escolheu um quarto de limão e chupou, reflexivo, olhando o calendário que, ao lado da enigmática Maria Landrock atrás do balcão, retratava o encontro de Cortez com Moctezuma em Tenochtitlán: EL ÚLTIMO EMPERADOR AZTECA, dizia abaixo, MOCTEZUMA Y HERNÁN CORTÉS REPRESENTATIVO DE LA RAZA HISPANA, QUEDAN FRENTE A FRENTE: DOS RAZAS Y DOS CIVILIZACIONES QUE HABÍAN LLEGADO A UN ALTO GRADO DE PERFECCIÓN SE MEZCLAN PARA INTEGRAR EL NÚCLEO DE NUESTRA NACIONALIDAD ACTUAL. Mas o sr. Bustamente já voltava e trazia, na mão erguida acima do aperto das pessoas junto à cortina, um livro...

M. Laruelle, consciente do choque, revirava o livro em suas mãos. Depois, colocou-o no balcão e tomou um gole de anís. “Bueno, muchas gracias, señor”, disse.

“De nada”, o sr. Bustamente respondeu em tom baixo; ele afastou com as mãos em um gesto amplo e de alguma forma íntimo, uma forma sombria que avançava com uma bandeja de crânios de chocolate. “Não sei por quanto tempo, talvez dois, talvez três anos aqui.”

M. Laruelle olhou a página de rosto outra vez, depois fechou o livro sobre o balcão. Acima deles, a chuva martelava o telhado do cinema. Dezoito meses antes, o cônsul havia lhe emprestado aquele volume marrom e usado com peças elisabetanas. Naquela época, Geoffrey e Yvonne estavam separados havia cinco meses, talvez. Seis meses mais se passariam até ela voltar. No jardim do cônsul, eles passeavam tristonhos por entre as rosas, belas-emílias e flores de cera “iguais a préservatifs dilapidados”, o cônsul observara com um olhar diabólico para ele, um olhar ao mesmo tempo quase oficial, que então parecia dizer: “Eu sei, Jacques, que você pode nunca mais devolver o livro, mas suponha que



empresto a você exatamente por isso, para você um dia se arrepender de não ter devolvido. Ah, aí eu perdoo você, mas será que você consegue se perdoar? Não só por não ter devolvido, mas porque então o livro terá se transformado num emblema do que mesmo agora é impossível devolver”. M. Laruelle aceitara. Queria o livro porque já havia algum tempo que lá no fundo acalentava a ideia de fazer na França uma versão cinematográfica moderna da história de Fausto com algum personagem como Trótski de protagonista: na verdade, ele não tinha aberto o livro até aquele minuto. Embora o cônsul mais tarde tivesse pedido o livro diversas vezes, ele dera pela falta dele naquele mesmo dia, quando devia tê-lo esquecido no cinema. M. Laruelle ouviu a água roncar pela sarjeta debaixo da porta de venezianas da Cervecería XX que dava para uma rua lateral no canto esquerdo. Um súbito trovão sacudiu o prédio todo e o som ecoou ao longe como carvão despejado através de uma calha.

“O señor sabe”, ele disse de repente, “que esse livro não é meu.”

“Eu sei”, o sr. Bustamente respondeu, mas de um jeito manso, quase num sussurro. “Acho que seu amigo, era dele.” Deu uma tossida confusa, uma *appoggiatura*. “Seu amigo, o *bicho*.” Aparentemente sensível ao sorriso de M. Laruelle, ele se interrompeu. “Não quis dizer *bitch*; falei *bicho*, aquele de olho azul.” Então, como se ainda houvesse alguma dúvida a respeito de quem ele falava, pôs a mão na ponta do queixo e puxou para baixo, numa barba imaginária. “Seu amigo, ah, señor Firmin. El Cónsul. O americano.”

“Não. Ele não era americano.” M. Laruelle tentou elevar um pouco a voz. Era difícil, porque todo mundo na cantina havia parado de falar e M. Laruelle notou que um curioso silêncio baixara na sala de exibição. A luz agora acabara de vez e ele olhou por cima do ombro do sr. Bustamente, para além da cortina, um escuro de cemitério, apunhalado por flashes de lanternas como raios de calor, mas os vendedores tinham baixado a voz, as crianças parado de rir e gritar, enquanto a reduzida plateia continuava em seus lugares, relaxada e aborrecida, embora

paciente diante da tela escura, repentinamente iluminada, varrida por silenciosas sombras grotescas de gigantes, lanças e pássaros, depois escura de novo, os homens ao longo do balcão da direita, que não tinham se dado ao trabalho de se mexer ou descer, um sólido friso escuro entalhado na parede, homens sérios de bigode, guerreiros à espera de que o filme recomeçasse, para vislumbrar as mãos ensanguentadas do assassino.

“Não?”, o sr. Bustamente perguntou baixinho. Tomou um gole de sua gaseosa, olhou para o cinema também e depois, preocupado de novo, para a cantina em torno. “Mas era verdade, então, que ele era cônsul? Porque me lembro dele muitas vezes sentado aqui, bebendo; e muitas vezes, coitado, sem meia.”

M. Laruelle deu uma risada breve. “É, ele era o cônsul britânico aqui.” Falavam baixo, em espanhol, e o sr. Bustamente, desesperado por mais dez minutos de luz, foi convencido a tomar um copo de cerveja, enquanto M. Laruelle tomava um refresco.

Mas não conseguira explicar o cônsul ao gentil mexicano. As luzes tinham voltado outra vez, fracas, tanto no cinema como na cantina, embora a projeção não tivesse recomeçado, e M. Laruelle ficou sozinho numa mesa de canto que vagara na Cervecería XX, com outro anís à sua frente. Seu estômago ia sofrer com aquilo: só no último ano é que passara a beber tanto. Ficou sentado, rígido, o livro de peças elisabetanas fechado sobre a mesa, olhou a raquete de tênis apoiada nas costas da cadeira em frente, guardada para o dr. Vigil. Sentia-se um pouco como alguém deitado numa banheira depois que toda a água escoou, cabeça oca, quase morto. Se tivesse ido para casa, a essa altura já teria terminado de arrumar as malas. Mas não tinha sido capaz nem de tomar a decisão de se despedir do sr. Bustamente. Ainda chovia fora da estação sobre o México, as águas escuras subiam lá fora para engolfar sua própria zacuali na Calle Nicaragua, sua torre inútil contra a chegada do segundo dilúvio. Noite da Culminação das Plêiades! O que, afinal, era um cônsul para alguém se importar com ele? O sr. Bustamente, que era mais velho do



que parecia, lembrava da época de Porfirio Díaz, época em que, nos Estados Unidos, toda pequena cidade ao longo da fronteira mexicana abrigava um “cônsul”. Na verdade, os cônsules mexicanos eram encontrados até em aldeias a centenas de quilômetros da fronteira. O que se esperava dos cônsules era que cuidassem dos interesses comerciais entre países, não era isso? Mas em cidades do Arizona que não tinham nem dez dólares de comércio anual com o México havia cônsules mantidos por Díaz. Claro que não eram cônsules, mas espões. O sr. Bustamente sabia, porque antes da revolução seu próprio pai, um liberal, membro do Ponciano Arriaga, ficara preso durante três meses em Douglas, no Arizona (embora o sr. Bustamente fosse votar em Almazán), por ordem do cônsul mantido por Díaz. Não era então razoável supor, ele insinuara, sem ofensa, e talvez não de todo a sério, que o señor Firmin fosse um cônsul não desses cônsules mexicanos, na verdade, não exatamente da mesma laia desses outros, mas um cônsul inglês que mal podia alegar ter interesses em comércio britânico no coração de um lugar onde não havia interesses britânicos nem ingleses, ainda mais porque considerava-se que a Inglaterra havia rompido relações diplomáticas com o México?

Na realidade, o sr. Bustamente parecia meio convencido de que M. Laruelle se deixara enganar, que o señor Firmin havia sido uma espécie de espião, *spy*, ou de *spider*, como dizia, confundindo as palavras. Mas em nenhum lugar do mundo havia gente mais humana ou prontamente movida a compaixão do que os mexicanos, mesmo votando como votavam em Almazán. O sr. Bustamente tendia a sentir pena do cônsul mesmo ele sendo um *spider*, sentia pena em seu coração pela pobre alma desamparada, trêmula e solitária que se sentara ali bebendo noite após noite, abandonado pela esposa (embora ela tivesse voltado, M. Laruelle quase gritou alto, que coisa extraordinária, ela havia voltado!) e possivelmente, ao lembrar das meias, abandonado até mesmo por seu país, vagando sem chapéu e desconsolado, fora de si pela cidade,

perseguido por outros *spiders* que, sem que ele jamais tivesse plena certeza, um homem de óculos escuros que ele tomava por um vagabundo aqui, um homem parado do outro lado da rua que ele achava ser um peão ali, um rapaz careca de brincos se balançando loucamente numa rede que rangia alto acolá, guardavam cada rua e entrada de alameda, que nem mesmo um mexicano podia mais acreditar (porque não era verdade, M. Laruelle falou), mas que ainda era muito possível, como o pai do sr. Bustamente teria garantido, ele que começasse alguma coisa para ver, bem como seu pai havia garantido que ele, M. Laruelle, não poderia atravessar a fronteira em um caminhão de gado, digamos, sem que “eles” soubessem na Cidade do México antes que ele chegasse e já estivesse decidido o que “eles” iam fazer a respeito. Claro que o sr. Bustamente não conhecia bem o cônsul, embora fosse seu hábito ficar de olhos abertos, mas a cidade inteira o conhecia de vista, e a impressão que ele dava, ou pelo menos dera no último ano, além de estar sempre *muy borracho*, claro, era de um homem que vivia em contínuo terror por sua vida. Uma vez, ele entrara correndo na cantina El Bosque, da velha Gregorio, hoje viúva, e gritara algo como “Sanctuario!”, que tinha gente atrás dele, e a viúva, mais apavorada ainda, o escondera no quarto dos fundos durante metade da tarde. Não foi a viúva que contou isso a ele, mas o próprio señor Gregorio antes de morrer, cujo irmão era jardineiro dele, do sr. Bustamente, porque a señora Gregorio era ela mesma meio inglesa ou americana e tinha precisado dar alguma difícil explicação tanto ao señor Gregorio como ao irmão dele, Bernardino. No entanto, se o cônsul tinha sido um *spider*, não era mais e podia ser perdoado. Afinal, ele era *simpático*. Pois não o tinha visto uma vez ali naquele mesmo balcão dar todo seu dinheiro a um mendigo levado pela polícia?

Mas o cônsul também não era um covarde, M. Laruelle interrompera, talvez de forma irrelevante, ao menos não do tipo a ter medo por sua vida. Ao contrário, era um homem valente ao extremo, nada menos que um herói de fato, que conquistara, por conspícua galanteria a serviço de



sua pátria durante a última guerra, uma cobiçada medalha. Nem devido a todos os seus defeitos seria ele, no fundo, um homem mau. Sem saber bem por quê, M. Laruelle sentiu que ele devia ter comprovado de fato sua grande força para o bem. Mas o sr. Bustamente nunca havia dito que ele era um covarde. O sr. Bustamente foi quase reverente ao apontar que ser covarde e temer pela própria vida eram coisas diferentes no México. Com certeza o cônsul não era mau, e sim um *hombre noble*. No entanto, não podia ser que justamente uma personalidade e uma carreira tão notáveis como M. Laruelle dizia serem as dele o qualificassem para as perigosas atividades de um *spider*? Pareceu inútil tentar explicar ao sr. Bustamente que o trabalho do pobre cônsul era apenas um refúgio, que no início ele pretendia a carreira pública na Índia, acabara no serviço diplomático e, por uma razão ou outra, fora chutado escala abaixo para consulados cada vez mais remotos, e finalmente para a sinecura em Quauhahuac, posição em que era menos provável que ele se revelasse um incômodo para o Império, coisa que, ao menos em parte, M. Laruelle desconfiava que ele acreditasse de forma apaixonada.

Mas por que tudo isso acontecera? ele se perguntava agora. Quién sabe? Ele arriscou outro anís e ao primeiro gole veio-lhe à mente uma cena, talvez muito inexata (M. Laruelle estivera na artilharia durante a última guerra, à qual ele sobreviveu apesar de, durante algum tempo, seu comandante ter sido Guillaume Apollinaire). Uma calma mortal na linha de batalha, mas, se o S.S. *Samaritan* estivesse lá, estaria muito ao norte. De fato, para um vapor que ia de Xangai a Newcastle, na Nova Gales do Sul, com uma carga de antimônio, mercúrio e tungstênio, o barco traçara por algum tempo uma rota bem estranha. Por que havia adentrado, por exemplo, o oceano Pacífico pelo estreito Bungo, no Japão, ao sul de Shikoku e não longe do mar da China oriental? Durante dias, então, não muito diferente de um carneiro perdido no incomensurável prado verde das águas, o barco passara ao largo de várias ilhas interessantes muito distantes de sua rota. Sōfugan e Chichijima.

Nishinoshima e Iwo Jima. Ilhas Vulcano e Sto. Augustine. Foi em algum ponto entre a Farallón de Pájaros e o recife Euphrosine que avistaram o periscópio e voltaram atrás a toda velocidade. Mas, quando o submarino emergiu, o navio parou. Nave comercial desarmada, o *Samaritan* não lutou. Antes que o grupo de abordagem do submarino o atingisse, porém, ele mudou de ânimo. Como por mágica, o cordeiro se transformou em um dragão que cuspia fogo. O submarino alemão nem teve tempo de submergir. Toda sua tripulação foi capturada. O *Samaritan*, que perdera seu capitão no confronto, seguiu viagem e abandonou o submarino a queimar, um charuto aceso na vasta superfície do Pacífico.

E em algum posto obscuro para M. Laruelle — uma vez que Geoffrey não estivera na marinha mercante, mas chegara, via iate clube ou alguma atividade de resgate, a tenente naval, ou, sabe Deus, talvez naquela época a tenente-comandante — o cônsul havia sido em grande parte responsável por essa escapada. Por isso, ou pela bravura ligada a ela, recebera a Ordem ou Cruz Britânica de Serviços Notáveis.

Mas parece ter havido uma ligeira estranheza. Embora todos da tripulação do submarino se tornassem prisioneiros de guerra quando o *Samaritan* (que era apenas um dos nomes do navio, embora o preferido do cônsul) aportou, misteriosamente nenhum de seus oficiais estava entre eles. Algo acontecera a esses oficiais alemães, e o que acontecera não era bonito. Falou-se que tinham sido sequestrados pelos foguistas do *Samaritan* e queimados vivos nas caldeiras.

M. Laruelle pensou a respeito. O cônsul amava a Inglaterra e quando jovem podia ter participado do popular ódio ao inimigo — embora fosse duvidoso, uma vez que essa era, naquele tempo, uma prerrogativa sobretudo dos não combatentes. Mas ele era um homem honrado e provavelmente ninguém supôs nem por um momento que tivesse ordenado aos foguistas do *Samaritan* que jogassem os alemães nas caldeiras. Ninguém sonhava que uma ordem dessas viesse a ser



obedecida. Mas restava o fato de que os alemães tinham sido jogados nelas, e não adiantava dizer que era o melhor lugar para eles. Alguém tinha que levar a culpa.

Então o cônsul não recebeu sua condecoração sem antes passar pela corte marcial. Foi absolvido. Para M. Laruelle não era nada claro por que ele e ninguém mais devesse ser julgado. Porém era fácil pensar no cônsul como uma espécie mais lacrimosa de pseudo “Lorde Jim” num exílio autoimposto, que, apesar do prêmio, lastimava sua honra perdida, seu segredo e imaginava que um estigma o marcaria por aquilo durante toda a sua vida. No entanto, estava longe de ser esse o caso. Evidentemente, nenhum estigma o marcava. E ele não demonstrara nenhuma relutância em discutir o assunto com M. Laruelle, que anos antes havia lido um cauteloso artigo a respeito no *Paris-Soir*. Ele tinha até sido imensamente engraçado. “As pessoas não pegam e jogam alemães em caldeiras”, dissera. Só uma ou duas vezes, durante aqueles últimos meses, quando bêbado, ele começara de repente, para a perplexidade de M. Laruelle, a proclamar não apenas sua culpa na questão, mas que havia sofrido terrivelmente por causa daquilo. Ele foi muito mais longe. Não atribuiu nenhuma culpa aos fogueiros. Não veio à tona nenhuma ordem dada a eles. Ele flexionou os músculos e, sardônico, anunciou sua autoria inteiramente individual do fato. Mas nessa época o pobre cônsul já havia perdido quase toda capacidade de dizer a verdade e sua vida tornara-se uma quixotesca invenção oral. Ao contrário de “Jim”, ele se tornara bastante displicente com sua honra, e os oficiais alemães eram apenas uma desculpa para comprar mais uma garrafa de mescal. M. Laruelle disse isso ao cônsul e eles discutiram grotescamente, afastaram-se outra vez, quando coisas mais dolorosas não os haviam afastado, e permaneceram desse modo até o fim — de fato, no finalzinho tinha sido triste e perversamente pior que nunca —, como anos antes em Leasowe.

*Então voarei de cabeça na terra:*



*Terra, boquiaberta!, não me abrigará!*

M. Laruelle abriu o livro de peças elisabetanas ao acaso e por um momento esqueceu do que havia em torno, olhou as palavras que pareciam ter o poder de conduzir sua cabeça para o fundo de um abismo, como em cumprimento do próprio espírito que a ameaça do Fausto de Marlowe lançara em seu desespero. Só que Fausto não tinha dito bem aquilo. Ele olhou mais atento a passagem. Fausto dissera: “Então correrei impetuosamente na terra” e “Oh, não, ela não...”. Não era tão ruim. Naquelas circunstâncias correr não era tão ruim como voar. Entalhada na capa de couro marrom do livro, havia uma figurinha dourada sem rosto, também correndo, com uma tocha na mão, o pescoço longo, a cabeça e o bico aberto de uma íbis sagrada. M. Laruelle suspirou, com vergonha de si mesmo. O que produzira a ilusão, a fugidia luz da vela bruxuleante, associada à tênue, porém agora menos tênue, luz elétrica, ou alguma correspondência, talvez, como Geoff gostava de dizer, entre o mundo subnormal e o anormalmente suspeito? Como o cônsul havia se deleitado naquele jogo absurdo: *sortes shakespeareanae... E as maravilhas que fiz toda a Alemanha pode ver. Entra Wagner, solus... Ich sal you wat suggest, Hans. Dis skip, dat komen from Candy, is als vol, by God's sacrament, van sugar, almonds, cambrick, end alle dingen, tousand, tousand ding.* \* \* M. Laruelle fechou o livro na comédia de Dekker, depois, diante do barman que o observava, pano de prato manchado no braço, com calada curiosidade, fechou os olhos, abriu o livro de novo, girou um dedo no ar e baixou-o com firmeza numa passagem que voltou então para a luz:

*Ceifada está a haste que podia ter crescido direita,  
E queimado o ramo de louros de Apolo,  
que um dia cresceu dentro desse homem culto,  
Fausto se foi: vejam sua queda infernal...*

Abalado, M. Laruelle devolveu o livro à mesa, fechou-o com os dedos e o polegar de uma mão, enquanto com a outra alcançou no chão a folha de papel dobrada que havia voado de dentro dele. Pegou o papel entre dois dedos e o desdobrou, olhou o verso. *Hotel Bella Vista*, dizia. Na verdade, havia duas folhas do papel de anotações excepcionalmente fino do hotel, achatadas pelo livro, compridas, mas estreitas e cobertas de ambos os lados com escrita a lápis sem margem. À primeira vista, não parecia uma carta. Mas não havia dúvida, mesmo à luz incerta, a caligrafia, meio garranchosa, meio generosa e totalmente bêbada, era do cônsul, os Es gregos, as hastes voadoras dos Ds, os Ts como cruces solitárias à beira do caminho salvo onde crucificavam uma palavra inteira, as próprias palavras descendo linha abaixo, embora os caracteres individuais parecessem resistir à descida, retesados, subindo para o lado oposto. M. Laruelle sentiu uma apreensão. Pois via agora que de fato era uma espécie de carta, embora uma carta que o autor sem dúvida teve pouca intenção, talvez nenhuma capacidade de maior esforço tátil, de pôr no correio:

... Noite: e mais uma vez o embate noturno com a morte, o quarto sacudido por orquestras demoníacas, os fragmentos de um sono temeroso, as vozes fora da janela, meu nome continuamente repetido com desprezo por indivíduos imaginários que chegam, as espinetas sombrias. Como se não houvesse ruídos reais suficientes nessas noites cor de cabelo grisalho. Não como o tumulto dilacerante de cidades americanas, o ruído do desenfaixar de grandes gigantes em agonia. Mas o uivo dos cães de rua, os galos que a noite inteira anunciam a alvorada, o martelar, o gemido que será encontrado mais tarde como plumagem branca encolhida em fios de telégrafo, em quintais ou aves aninhadas em macieiras, a eterna tristeza que não dorme nunca do grande México. Por mim, gosto de levar minha tristeza para a sombra de velhos mosteiros, minha culpa para claustros e debaixo de tapeçarias, aos locutórios de cantinas inimagináveis onde oleiros de cara triste e mendigos sem pernas



bebem ao amanhecer, cuja fria beleza de junquilha se descobre na morte. De forma que quando você foi embora, Yvonne, fui para Oaxaca. Não existe palavra mais triste. Será que devo te contar, Yvonne, a terrível viagem até lá, através do deserto, na ferrovia de bitola estreita, nas tábuas de um banco de vagão de terceira classe, a criança cuja vida a mãe e eu salvamos esfregando sua barriga com tequila da minha garrafa, ou como, quando fui para meu quarto no hotel onde um dia fomos felizes, o ruído da matança na cozinha abaixo me expulsou para a luz da rua e mais tarde, nessa noite, havia um urubu pousado na pia? Horrores na medida para um nervo gigante! Não, meus segredos são do túmulo e precisam ser mantidos. E é assim que eu às vezes penso sobre mim mesmo, como um grande explorador que descobriu alguma terra extraordinária da qual não pode voltar nunca para dar conhecimento ao mundo: mas o nome dessa terra é inferno.

Não é o México, claro, mas no coração. E hoje eu estava em Quauhahuac como sempre quando recebi de meu advogado a notícia de nosso divórcio. Foi como se eu tivesse pedido isso. Recebi outras notícias também: a Inglaterra vai romper relações diplomáticas com o México, e todos os seus cônsules — quer dizer, os que são ingleses — estão sendo chamados de volta para casa. São homens bons e gentis, quase todos, cujo nome acho que eu avilto. Não vou voltar para casa com eles. Talvez volte para casa, mas não para a Inglaterra, não para essa casa. Então, à meia-noite, rodei com o Plymouth até Tomalín para ver meu amigo tlaxcalteca Cervantes, o dono de galos de briga no Salón Ofélia. E dali vim até o Farolito em Parián, onde estou sentado agora, numa salinha que dá para o bar às quatro e meia da manhã enquanto bebo *ochas* e depois mescal e escrevo neste papel de notas de algum Bella Vista que roubei na outra noite, porque o papel de carta do consulado, que é uma tumba, me machuca só de olhar. Acho que sei muito sobre sofrimento físico. Mas este é o pior de todos, sentir a alma morrendo.



Me pergunto se é porque esta noite minha alma realmente morreu que sinto no momento algo como paz.

Ou se é porque existe um caminho que atravessa o inferno, como Blake bem sabia, e, embora eu não possa seguir por ele ultimamente, às vezes, em sonhos, sou capaz de vê-lo? E aqui está um estranho efeito que a notícia de meu advogado teve sobre mim. Parece que vejo agora, entre mescais, esse caminho, e além de suas estranhas paisagens, algo como visões de uma nova vida juntos que podemos levar em algum lugar. Parece que nos vejo morando em algum país do norte, de montanhas, montes e água azul; nossa casa construída num braço de mar, e uma noite estamos parados, felizes um com o outro, na sacada dessa casa, olhando a água. Há serrarias meio escondidas por árvores mais adiante e, ao pé das montanhas do outro lado do braço de mar, o que parece uma refinaria de óleo, só que abrandada e embelezada pela distância.

É um anoitecer azul de um verão claro e sem lua, mas tarde, talvez dez horas, com Vênus muito brilhante na luz diurna, de forma que certamente estamos em algum lugar bem ao norte, parados nessa sacada, quando lá embaixo ao longo do litoral vem o trovejar de um trem de carga bem comprido e com muitas locomotivas, trovejar porque, embora estejamos separados dele por essa larga faixa de água, o trem roda para leste e o vento instável muda de repente vindo de um quadrante oriental, e estamos de frente para o leste, como os anjos de Swedenborg, debaixo de um céu claro a não ser ao longe, a nordeste, sobre as montanhas distantes cujo arroxado empalideceu, há uma massa de nuvens de um branco puro e que de repente, como se pela luz de um lampião de alabastro, se ilumina com luz dourada por dentro, no entanto não se ouve trovão, apenas o rugir do grande trem com suas locomotivas e vastos ecos de manobras avança pelas colinas para dentro das montanhas: e então, de repente, um barco de pesca muito alto contorna o cabo como uma girafa branca, muito ágil e ativa, e deixa diretamente atrás de si uma longa trilha prateada de bordas franzidas, num movimento invisível

para a terra, mas agora vindo diretamente, pesada, para a praia, em nossa direção, essa enrolada borda de prata toca a margem primeiro à distância, depois se espalha pela curva da praia, seu trovão e comoção crescentes agora se juntam ao trovão minguante do trem, e depois reboa quebrando em nossa praia, enquanto as boias, porque havia boias de madeira para mergulho, oscilavam junto, tudo em movimento, lindamente agitado, mexido e atormentado por essa lustrosa prata rolando, depois, pouco a pouco, calma de novo, e se vê o reflexo das remotas nuvens brancas de tempestade sobre a água, e o relampejar dentro das nuvens brancas na água funda, quando o barco pesqueiro com uma faixa dourada de luz cambiante na esteira prateada a seu lado, refletida da cabine, desaparece atrás da terra firme, silêncio, e então, de novo, dentro das nuvens distantes de tempestade brancas brancas de alabastro além das montanhas, o relampejar dourado sem trovão no anoitecer azul, de outro mundo...

Nós, ali parados, olhamos e de repente vem o marulhar de outro barco não visto, como uma grande roda, os vastos raios da roda girando a atravessar a baía...

(Vários mescais depois.) Desde dezembro de 1937, quando você foi embora, e ouço dizer que agora é a primavera de 1938, luto deliberadamente contra meu amor por você. Ousei não me submeter a ele. Me agarrei a cada raiz e galho que me ajudem a cruzar sozinho este abismo em minha vida, mas não posso mais me iludir. Se for para eu sobreviver preciso de sua ajuda. Senão, mais cedo ou mais tarde, cairei. Ah, se ao menos você me tivesse dado algo em memória para eu te odiar, porque aí nenhuma lembrança boa de você me tocaria neste lugar terrível em que estou! Mas em vez disso você me mandou aquelas cartas. A propósito, por que mandou as primeiras para Wells Fargo, na Cidade do México? Será que não se deu conta de que eu ainda estava aqui? Ou — se em Oaxaca — de que Quauhnhuac ainda era minha base? É muito estranho. Também teria sido muito fácil descobrir. E também se você



tivesse ao menos me escrito *imediatamente*, podia ter sido diferente — até mesmo me mandado um cartão-postal, por causa da angústia comum de nossa separação, um apelo que fosse para que *nós*, apesar de tudo, terminássemos imediatamente aquele absurdo — de alguma forma, de qualquer forma —, dizendo que nos amávamos, qualquer coisa, ou um telegrama, simples. Mas você esperou demais — ou assim parece agora, até depois do Natal — do Natal! — e do Ano-Novo, e aí o que você mandou eu não consegui ler. Não: nem uma única vez estive livre do tormento ou sóbrio para apreender mais que o propósito principal de qualquer uma dessas cartas. Mas podia, posso, senti-las. Acho que tenho algumas comigo. Mas são dolorosas demais para ler. Me partem o coração. E, de qualquer forma, chegaram tarde demais. E agora acho que não virá mais nenhuma.

Ai, mas por que não fingi ao menos que as li, por que não aceitei o prêmio de retratação pelo fato de terem sido enviadas? E por que não mandei um telegrama ou alguma palavra imediatamente? Ah, por que não, por que não, por que não? Pois suponho que você teria voltado em seu devido tempo se eu te pedisse. Mas é assim viver no inferno. Eu não podia, não posso, mandar um telegrama. Fiquei aqui parado, e na Cidade do México, na Compañía Telegráfica Mexicana, e em Oaxaca, tremia e suave no correio, escrevia telegramas a tarde inteira, quando havia bebido o suficiente para ficar com a mão firme, sem mandar nenhum. Uma vez consegui um número seu e efetivamente fiz um interurbano para você em Los Angeles, mas sem sucesso. E da outra vez o telefone quebrou. Então por que não vou eu para os Estados Unidos? Estou doente demais para providenciar as passagens, para sofrer o delírio trêmulo das infinitas planícies de cactos gastos. E por que ir aos Estados Unidos para morrer? Talvez não me importasse ser enterrado nos Estados Unidos. Mas acho que preferia morrer no México.

Nesse meio-tempo, você ainda me vê trabalhando no livro, ainda tentando responder a perguntas como: existe uma realidade última,



Deus, Yvonne, me escute, baixei minhas defesas, no momento elas estão abaixadas — e lá vai o avião, eu o ouvi à distância então, só por um momento, além de Tomalín — volte, volte. Eu paro de beber, qualquer coisa. Estou morrendo sem você. Pelo amor de Cristo Jesus, Yvonne, volte para mim, ouviu, é um grito, volte para mim, Yvonne, mesmo que só por um dia...

M. Laruelle começou a dobrar a carta de novo muito devagar, alisou as dobras com cuidado entre o indicador e o polegar, depois, quase sem pensar, a amassou. Ficou sentado com o papel amassado no punho sobre a mesa, olhando em volta, profundamente abstraído. Nos últimos cinco minutos o cenário dentro da cantina estava todo mudado. Lá fora, a tempestade parecia ter passado, mas nesse meio-tempo a Cervecería xx se encheu de camponeses, que evidentemente fugiam dela. Não se sentaram às mesas, que estavam vazias — pois, embora a projeção ainda não tivesse começado, a maior parte do público voltou para dentro do cinema, agora bastante calado e de prontidão —, mas se acotovelavam no balcão. E havia uma beleza, uma espécie de religiosidade nesse cenário. Na cantina, tanto as velas como as tênues lâmpadas elétricas ainda estavam acesas. Um camponês levava pela mão duas meninas pequenas enquanto o chão estava coberto de cestos, quase todos vazios, encostados uns nos outros, e o barman agora dava uma laranja à mais nova das meninas: alguém saiu, a menina sentou com a laranja, a porta de veneziana girava e girava e girava. M. Laruelle olhou para o relógio — Vigil não iria chegar por mais meia hora — e de novo para as páginas amassadas na mão. O frescor do ar lavado pela chuva penetrava na cantina através das venezianas, e dava para ouvir a chuva que gotejava dos telhados e a água que ainda corria pelas sarjetas na rua, à distância, mais uma vez, os sons do festival. Ele estava a ponto de recolocar a carta amassada dentro do livro, quando, meio distraído, mas num impulso subitamente decisivo, encostou-a na chama da vela. A labareda iluminou toda a cantina com uma explosão de brilho no qual as figuras do balcão

Acapulco ontem à noite através de um furacão de borboletas imensas e deslumbrantes que adejaram em meio ao mar para saudar o *Pennsylvania* — num primeiro momento foi como se varressem cascatas de papéis coloridos da galeria do salão —, olhou na defensiva para a praça em torno, realmente tranquila em meio a essa comoção de borboletas ainda em zigue-zague no alto ou além dos pesados portais abertos, desaparecendo sem fim em direção à popa, a praça *delas*, imóveis e brilhantes ao sol matinal das sete da manhã, silente, mas de alguma forma suspensa, em expectativa, já com um olho meio aberto, os carrosséis, a roda-gigante, sonhando levemente, à espera da fiesta mais tarde — os táxis rústicos enfileirados também lá à espera de alguma outra coisa, uma greve de táxis essa tarde, haviam informado a ela confidencialmente. O zócalo igualzinho apesar de seu ar de Arlequim adormecido. O velho coreto vazio, a estátua equestre do turbulento Huerta cavalgando debaixo das árvores vacilantes de olhos arregalados para sempre, espiava o vale além, que, como se nada tivesse acontecido e fosse novembro de 1936 e não novembro de 1938, erguia, eternamente, seus vulcões, seus belos vulcões. Ah, como aquilo tudo era familiar: Quauhnahuac, a cidade dela de água fria de montanha que corria depressa. Onde a águia pousa! Ou, como dissera Louis, de fato significava perto da floresta? As árvores, as maciças profundidades brilhantes dessas antigas árvores de freixo, como conseguira viver sem elas? Yvonne respirou fundo, o ar ainda tinha um toque de amanhecer, o amanhecer desse dia em Acapulco — verde e roxo-escuro lá no alto e ouro a se desenrolar e revelar um rio de lápis-lazúli onde queimava o chifre de Vênus tão ferozmente que ela era capaz de imaginar a sombra tênue projetada por sua luz no campo de pouso, os urubus voando preguiçosos acima do horizonte vermelho-tijolo, a cujo pacífico presságio o aviãozinho da Compañía Mexicana de Aviación subira, como um minúsculo demônio vermelho, emissário alado de Lúcifer, a biruta abaixo acenando uma firme despedida.



marinheiros. Ou será que quer dizer fornos?”.

“... Calle Nicaragua, cincuenta dos.” Yvonne deu um tostón a um deus escuro a esta altura já de posse das malas dela, ele agradeceu e desapareceu obscuramente.

“E se eu não morasse mais lá.” O cônsul, sentado de novo, tremia tão violentamente que teve que segurar com as duas mãos a garrafa de uísque com que se servia de um drinque. “Aceita um?”

“...”

Ou devia aceitar? Devia: muito embora detestasse beber de manhã, sem dúvida devia, sim: era o que ela havia decidido fazer se necessário, não tomar nem um drinque sozinha, mas quantos drinques quisesse com o cônsul. Só que em vez disso sentiu o sorriso sumir de seu rosto que lutava para conter as lágrimas que proibira a si mesma, conter a qualquer custo, pensando e sabendo que Geoffrey sabia o que ela pensava: “Eu estava preparada para isto, eu estava preparada”. “Você bebe e eu brindo”, ela se viu dizendo. (Na realidade, estava preparada para quase qualquer coisa. Afinal de contas, o que se podia esperar? Ela havia dito a si mesma o tempo todo no navio, um navio porque teria tempo a bordo para se convencer de que sua viagem não era nem impensada nem precipitada, e no avião, quando entendeu que era ambas as coisas, que ela devia tê-lo avisado, que era abominavelmente injusto pegá-lo de surpresa.) “Geoffrey”, ela continuou, e se perguntou se não parecia patética sentada ali, todo o seu discurso cuidadosamente pensado, seus planos e tato desaparecendo de maneira tão óbvia na tristeza ou meramente repulsivos — ela se sentia um tanto repulsiva — porque não tomava um drinque. “O que aconteceu com você? Eu te escrevi e escrevi. Escrevi até meu coração rebentar. O que você fez com a sua...”

“... vida”, veio do outro lado da divisória. “Que vida! Meu Deus, é uma vergonha. Na minha terra eles não correm. A gente vai se arrebentar desse jeito...”



movimentos ousados, bruscos, dissimulados. A velha pôs a pequena galinha sobre a mesa, bem perto, onde ela ciscou entre os dominós, emitindo gritos curtos. Depois a devolveu para dentro do vestido e o puxou ternamente sobre ela. Mas Yvonne desviou os olhos. A velha com a galinha e os dominós gelou seu coração. Era como um mau presságio.

... “Por falar em mortos...” o cônsul serviu-se de outro uísque e assinou uma caderneta de crédito com a mão um tanto mais firme, enquanto Yvonne se dirigia à porta, “... eu gostaria de ser enterrado ao lado de William Blackstone...” Ele empurrou a caderneta de volta para Fernando, a quem, felizmente, ele não tentara apresentá-la. “O homem que foi viver entre os índios. Você sabe quem era, claro.” O cônsul parou meio virado para ela, olhou, em dúvida, para o novo drinque que não havia tomado.

“... Nossa, se você quer, Alabama, vá e pegue para você... Eu não quero. Mas se você quer, vá e pegue.”

“Absolutamente necesario...”

O cônsul deixou metade da dose.

Lá fora, ao sol, na onda da música tibia do baile que ainda continuava, Yvonne esperou outra vez, lançou olhares nervosos por cima do ombro para a entrada principal do hotel por onde saíam a todo instante convivas como vespas meio tontas de um ninho escondido enquanto, sem demora, correto, abrupto, exército e marinha, consular, o cônsul, sem quase nenhum tremor agora, encontrou os óculos escuros e colocou-os.

“Bem”, disse ele, “parece que os táxis desapareceram. Vamos a pé?”

“Nossa! o que aconteceu com o carro?” Tão confusa pela apreensão de encontrar algum conhecido estava ela, que Yvonne quase pegou o braço de outro homem de óculos escuros, um jovem mexicano esfarrapado encostado à parede do hotel a quem o cônsul, batendo a bengala em seu pulso e com voz algo enigmática, dirigiu um: “Buenas tardes, señor”. Yvonne foi na frente, depressa. “Claro, vamos a pé.”

Eles continuaram, passaram em frente ao Palácio Cortez, depois pela lateral começaram a descer o barranco que o atravessava na largura. O caminho era um atalho para a Calle Tierra del Fuego, que lá embaixo fazia uma curva para encontrá-los, mas o barranco era pouco mais que um monte de lixo com restos fumegantes e eles tiveram que cuidar por onde iam. Mas Yvonne agora respirava com mais facilidade, agora que deixavam para trás o centro da cidade. *La Despedida*, ela pensou. A Partida! Depois que a umidade e o detrito fizessem seu trabalho, as duas metades seccionadas daquela rocha fendida cairiam por terra. Era inevitável, assim dizia a foto... Seria mesmo? Não haveria um jeito de salvar a pobre rocha de cuja imutabilidade havia tão pouco tempo ninguém sonharia duvidar? Ah, quem teria pensado nisso naquela época senão como uma rocha íntegra e singular? Mas, uma vez que havia fendido, não haveria um jeito, antes que a desintegração total se instalasse, de ao menos salvar as metades fendidas? Não havia nenhum jeito. A violência do fogo que fendera a rocha havia incitado também a destruição de cada rocha separada e anulara a força que poderia conservá-las como unidade. Ah, mas por que, por alguma exótica taumaturgia geológica, não se podia fundir as partes outra vez! Ela queria curar a rocha fendida. Ela era uma das rochas e queria salvar a outra, para que ambas fossem salvas. Por um esforço superlapidar, chegou mais perto da rocha, despejou seus argumentos, suas lágrimas apaixonadas, revelou todo o seu perdão: a outra rocha permaneceu inamovível. “Está tudo muito bem”, disse a rocha, “mas acontece que a culpa é sua e, quanto a mim, proponho me desintegrar quanto eu quiser!”

“... em Tortu”, dizia o cônsul, embora Yvonne não o acompanhasse, e agora eles tinham saído na Calle Tierra del Fuego propriamente, uma rua estreita e rústica que, deserta, parecia bem desconhecida. O cônsul estava começando a tremer de novo.

“Geoffrey, estou com tanta sede, por que não paramos para tomar um drinque?”

distância outra vez, acima da casa deles, perdia-se de vista. Árvores encobriam os morros baixos adiante. Quase todas as grandes residências estavam à esquerda deles, construídas bem longe da rua, na direção da barranca, a fim de ficarem de frente para os vulcões do outro lado do vale. À distância, ela viu outra vez as montanhas, através de um espaço entre duas propriedades, um pequeno campo limitado por uma cerca de arame farpado e tomado por grama alta e espetada, como se loucamente desarrumada por um grande vento que houvesse cessado de repente. Lá estavam eles, Popocatépetl e Iztaccíhuatl, embaixadores remotos de Mauna Loa, Mokuaweoweo: nuvens escuras escondiam agora sua base. A grama, ela pensou, não estava tão verde quanto deveria estar no final das chuvas: devia ter havido uma seca, embora as valas de ambos os lados da rua estivessem cheias até a borda de água corrente da montanha e...

“E ele ainda está lá também. Também não se mexeu nem um centímetro.” Sem se voltar, o cônsul acenou com a cabeça na direção da casa de M. Laruelle.

“Quem... quem não...”, Yvonne hesitou. Olhou para trás: havia apenas o *peon* que tinha parado para olhar a casa e entrava numa alameda.

“Jacques.”

“Jacques!”

“Isso mesmo. Na verdade, tivemos momentos fantásticos. Passamos por tudo, desde o bispo Berkeley até a *mirabilis jalapa* das quatro horas.”

“Você faz o quê?”

“O Serviço Diplomático.” O cônsul tinha parado e acendia o cachimbo. “Às vezes eu acho que se pode dizer alguma coisa a favor dele.”

“...”

Ele se curvou para deixar um fósforo flutuar na vala transbordante, e de alguma forma eles avançavam, até depressa mesmo: ela ouvia,



ficar do que fazer o papel de Theodore Watts Dunton. Para o meu Swinburne.” O cônsul decapitou outra papoula. “Swinburne mudo. Ele soube de alguma história enquanto estava de férias na fazenda e veio atrás dela aqui igual a um trapo vermelho atrás de um touro. Não te contei?... Razão por que... eu não disse isso antes?... ele foi para a Cidade do México.”

Depois de algum tempo, Yvonne disse com voz fraca, mal ouvindo a si mesma: “Bom, nós podemos ficar um pouquinho juntos, não é?”.

“Quién sabe?”

“Mas você disse que ele está na Cidade agora”, ela replicou depressa.

“Ah, ele vai deixar o emprego, pode estar em casa agora. De qualquer forma, volta hoje, acho. Ele diz que quer ‘ação’. Coitado, está adotando uma linha bem popular hoje em dia.” Sincero ou não, o cônsul acrescentou com uma dose do que souu como indulgência: “E só Deus sabe qual será o fim dessa urgenciazinha romântica dele”.

“E como ele vai se sentir”, Yvonne perguntou, repentinamente valente, “quando encontrar de novo com você?”

“É, bom, não tem muita diferença, não deu tempo de aparecer, mas eu estava a ponto de dizer”, o cônsul continuou com uma ligeira aspereza, “que os tempos terríveis, os de Laruelle e os meus, eu quero dizer, acabaram com a chegada de Hugh.” Ele cutucava o chão com a bengala, deixando por instantes pequenos padrões ao prosseguir, como um cego. “Principalmente os meus, porque Jacques tem estômago fraco e costuma passar mal depois de três drinques, depois de quatro começa a virar o Bom Samaritano e, depois de cinco, Theodore Watts Dunton também... De forma que eu gostei, por assim dizer, da mudança de técnica. Ao menos na medida em que acho que agora posso agradecer, em nome de Hugh, se você não disser nada a ele...”

“Ah...”

O cônsul pigarreou. “Não que na ausência dele eu tenha bebido muito, e não que eu não esteja agora absolutamente sóbrio e frio, como

### 3

A tragédia, decretada, ao seguirem pela curva da entrada, não só pelos buracos abertos nela como pelas plantas altas e exóticas, lívidas e crepusculares através dos óculos escuros dele, parecendo sob todos os aspectos de sede desnecessária, dando a impressão de quase cambalear umas contra as outras, mas lutavam como moribundos voluptuosos na fantasia de manterem alguma atitude final de potência, ou de uma fecundidade coletiva desolada, o cônsul pensou, distante, parecia revisada e interpretada por uma pessoa que caminhava a seu lado, sofria por ele e dizia: “Olhe: veja que estranhas, que tristes, podem ser as coisas conhecidas. Toque esta árvore que um dia foi sua amiga: ai!, que aquilo que você conheceu no sangue possa parecer tão estranho! Olhe aquele nicho no alto da parede na casa onde Cristo ainda está, sofrendo, que poderia te ajudar se você pedisse: você não pode pedir a ele. Pense na agonia das rosas. Veja, no gramado os grãos de café de Concepta, você costumava dizer que eram de María, secando ao sol. Ainda se lembra do doce aroma deles? Olhe: as bananeiras com sua estranha e conhecida floração, um dia emblemático da vida, agora de uma pérfida morte fálica. Você não sabe mais amar essas coisas. Todo seu amor agora é para as cantinas: a tênue sobrevivência de um amor pela vida transformado em veneno, que só não é totalmente veneno, e o veneno se transformou em sua comida diária, quando na taverna...”.

“Então Pedro também foi embora?” Yvonne segurava o braço dele com força, mas sua voz era quase natural, ele sentiu.

“Foi, graças a Deus!”

“E os gatos?”

tosse. “De qualquer modo, esta é a estriçnina. Quer um uísque com soda?... O gelo parece ser em sua honra. Nem um absinto?” O cônsul mudou a bandeja do parapeito para uma mesa de vime que Concepta trouxera para fora.

“Deus me livre, para mim não, obrigada.”

“... Um uísque puro então. Vamos lá. O que você tem a perder?”

“... Deixe eu tomar o café da manhã antes!”

“... Ela podia ter dito sim para variar”, uma voz falou no ouvido do cônsul neste momento com incrível rapidez, “pois agora é claro coitado de você querendo horrivelmente se embebedar de novo não é mesmo uma vez que o problema de fato como se pode ver é a muito sonhada volta de Yvonne mas deixe de lado a angústia meu rapaz isso não é nada”, a voz tagarelou, “criou em si mesma a situação mais importante de sua vida a não ser exatamente a situação muito mais importante que cria por sua vez de você precisar de quinhentos drinques para lidar com ela”, a voz que ele reconheceu ser de um agradável e impertinente espírito familiar, talvez com chifres, pródigo em disfarces, um especialista em casuística, e que acrescentou severamente, “mas você é homem de fraquejar e tomar um drinque nesta hora crítica Geoffrey Firmin você não é você vai lutar contra isso já lutou contra essa tentação não lutou lutou não então tenho de te lembrar que na noite passada não recusou não recusou drinque após drinque e finalmente depois de um bom soninho até ficou totalmente sóbrio não ficou ficou não ficou sim nós sabemos que depois de ter ficado só bebeu o suficiente para corrigir seu tremor um autocontrole de mestre que ela não consegue nem pode imaginar!”

“Mas de alguma forma eu sinto que você não acredita na estriçnina”, disse o cônsul com sereno triunfo (havia um imenso conforto, no entanto, na mera presença da garrafa de uísque) e serviu da garrafa sinistra meio copo da mistura. Eu resisti à tentação por dois minutos e meio pelo menos: minha redenção está garantida. “Nem eu acredito na



daqueles pelos quais era responsável o fantasma adúltero chamado Cliff, que ele sempre imaginava como apenas um fraque e um pijama listrado aberto na frente? E o filho, estranhamente também chamado Geoffrey, que ela tivera com o fantasma, dois anos antes da primeira passagem dela para Reno e que teria seis anos, se não tivesse morrido na idade de outros tantos meses e outros tantos anos atrás, de meningite, em 1932, três anos antes de eles próprios se encontrarem e se casarem em Granada, na Espanha? Ali estava Yvonne, de todo modo, bronzeada, jovem, sem idade: aos quinze anos, ela contara a ele (isto é, lá pela época em que devia atuar naqueles filmes de faroeste os quais M. Laruelle, que não os tinha visto, garantiu seguramente terem influenciado Eisenstein ou alguém), tinha sido uma garota de quem as pessoas diziam: “Ela não é bonita, mas vai ficar atraente”; aos vinte anos, ainda diziam isso e, aos vinte e sete, quando ela se casou com ele, isso ainda era verdade, de acordo, claro, com a categoria com a qual as pessoas percebem essas coisas: era igualmente verdade sobre ela agora, aos trinta, que dava a impressão de alguém que ainda ia ser, talvez bem a ponto de ser, “atraente”: o mesmo nariz inclinado, as orelhas pequenas, os cálidos olhos castanhos, agora enevoados e magoados, a mesma boca larga de lábios cheios, cálida também e generosa, o queixo ligeiramente fraco. O rosto de Yvonne era o mesmo rosto fresco e claro que podia desmoronar, como Hugh diria, igual a um monte de cinzas e ficar cinzento. Mas ela havia mudado. Ah, havia mesmo! Boa parte do comando perdido do capitão rebaixado, visto através da janela do bar no porto, havia mudado. Ela não era mais dele: alguém devia sem dúvida ter aprovado o elegante conjunto de viagem azul-ardósia dela: não tinha sido ele.

De repente, com um gesto delicado mas impaciente, Yvonne tirou o chapéu, sacudiu o cabelo castanho clareado pelo sol e levantou-se do parapeito. Sentou-se no sofá e cruzou as pernas excepcionalmente bonitas, aristocráticas e longas. O sofá emitiu um estrépito rasgado de cordas de violão. O cônsul encontrou seus óculos escuros e os colocou,

dos olhos deles, com horror, o horror de uma intolerável irrealidade. Ele disse a si mesmo que aquilo não devia ser diferente do que sofre uma pessoa louca naqueles momentos em que, sentada mansamente no jardim do hospício, a loucura de repente deixa de ser um refúgio e encarna no céu estilhaçado e em todo seu arredor em cuja presença a razão, já entorpecida, só pode baixar a cabeça. Será que um louco encontra alívio em tais momentos, quando seus pensamentos como balas de canhão estalam dentro de sua cabeça, na refinada beleza do jardim do hospício ou das colinas em torno além da chaminé terrível? Dificilmente, o cônsul pensou. Quanto a essa beleza particular, ele a sabia tão morta como seu casamento e tão determinadamente assassinada. O sol rebrilhava agora em todo o mundo diante dele, os raios detalhavam tanto a linha das árvores como o cimo do Popocatépetl, como uma gigantesca baleia que emergia abrindo espaço entre as nuvens de novo, tudo isso não conseguia elevar seu ânimo. O sol não podia compartilhar seu peso na consciência, a tristeza sem razão. O sol não o conhecia. À sua esquerda, além das bananeiras, o jardineiro da residência de fim de semana do embaixador argentino abria caminho através do mato alto, limpando o chão de uma quadra de badminton, porém algo nessa ocupação bastante inocente continha uma horrível ameaça a ele. As folhas largas das próprias bananeiras que pendiam, delicadas, pareciam ameaçadoramente selvagens como asas abertas de pelicanos, sacudindo antes de se dobrar. Os movimentos de mais alguns passarinhos vermelhos no jardim, como botões de rosa animados, pareciam insuportavelmente agitados e desonestos. Era como se as criaturas estivessem ligadas a seus nervos por fios sensíveis. Quando o telefone tocou, o coração dele quase parou de bater.

Na verdade, o telefone estava claramente tocando e o cônsul saiu da varanda para a sala de jantar, onde, com medo da coisa furiosa, começou a falar no fone e depois, suando, no bocal, se expressava depressa, porque era um interurbano, sem saber o que dizia, ouvindo a voz abafada de



remorso! Porém isto aqui ajuda, o que eu estou tentando te dizer, que *eu* compreendo até que ponto atraí tudo isso para mim mesmo? Ajuda que eu esteja além disso admitindo que o fato de ter jogado Yvonne em cima de você daquele jeito foi um ato inútil, quase, eu ia dizer, uma palhaçada, que pedia em troca o inevitável golpe de cabeça na cintura, um bocado de serragem no coração. Sinceramente espero que sim... Enquanto isso, porém, rapaz, minha cabeça cambaleia com o efeito da estricnina da última meia hora, de diversos drinques terapêuticos antes disso, de numerosos drinques nitidamente não terapêuticos com o dr. Vigil antes disso, você precisa conhecer o dr. Vigil, nem falo do amigo dele Jacques Laruelle, ao qual, por diversas razões, até agora evitei te apresentar — por favor me lembre de pegar de volta com ele as minhas peças elisabetanas —, dos dois dias e uma noite de bebida constante antes disso, dos setecentos e setenta e sete e meio... — mas por que continuar? Minha cabeça, repito, deve de alguma forma, drogada com isso, como D. Quixote evitando uma cidade contra a qual ele investiu com repugnância por causa de seus excessos lá, fazer um desvio em torno — eu falei dr. Vigil?...

“Nossa, nossa, o que aconteceu?” A voz inglesa de “King’s Parade”, pouco acima dele, soou de trás da direção de um carro extremamente longo e baixo parado a seu lado; murmurante, o cônsul viu então: um M. G. Magna ou algo assim.

“Nada.” O cônsul se pôs de pé de repente, sóbrio como um juiz. “Tudo absolutamente certo.”

“Não pode estar certo, você estava caído na rua aí, ora.” O rosto inglês voltado para ele era rubicundo, alegre, gentil, mas preocupado, acima da gravata inglesa listrada, que lembrava uma fonte num grande pátio.

O cônsul bateu a poeira da roupa; procurou ferimentos em vão; nem um arranhão. Ele viu a fonte nitidamente. *Deve uma alma ali se banhar e limpar-se ou saciar sua secura?*

“Parece tudo bem”, ele disse, “muito obrigado.”



sua homenagem!” O cônsul sorriu por dentro pela sua pronúncia, agora por razões impublicáveis quase descontroladamente “inglesa”.

“Então você se demitiu mesmo!”

“Ah, sem dúvida! Penso me tornar cidadão mexicano, em ir viver entre os índios, como William Blackstone. Mas quanto ao hábito de ganhar dinheiro, não sabe?, todo um mistério para você, eu suponho, olhando de fora...” O cônsul olhou vagamente ao redor, os quadros nas paredes, quase todos aquarelas de sua mãe, cenas da Caxemira: uma pequena cerca de pedras em torno de várias bétulas e um álamo mais alto que eram o túmulo de Lalla Rookh, um quadro de um arrebatado cenário torrencial, vagamente escocês, a garganta, a ravina de Gugganvir; o Shalimar parecia mais que nunca o Cam: uma vista distante do Nanga Parbat a partir do vale de Sind podia ter sido pintada da varanda ali, o Nanga Parbat podia bem passar pelo velho Popo... “... olhando de fora”, ele repetiu, “o resultado de tanta preocupação, especulação, previsão, pensão, domínios...”

“Mas...” Yvonne tinha deixado de lado a bandeja com seu café da manhã e pegado um cigarro da cigareira ao lado da cama, que acendeu antes que o cônsul pudesse atendê-la.

“Já podíamos ter feito isso!”

Yvonne ficou deitada, fumando... O cônsul mal ouvia o que ela falava, calma, sensata, encorajadora, por causa do alerta de uma coisa extraordinária que acontecia em sua cabeça. Ele viu, num relâmpago, como se fossem navios no horizonte, debaixo de um abstrato céu preto lateral, a oportunidade para uma desesperada celebração (não importava que ele fosse o único a celebrar) que recuava e ao mesmo tempo se aproximava, o que só podia ser, o que era — Deus do Céu! — sua salvação...

“*Agora?*”, ele se viu perguntando em voz baixa. “Mas nós não podemos simplesmente ir embora *agora*, podemos, com o Hugh, você, eu, e uma coisa ou outra, não acha? É um pouco irrealizável, não é?” (Porque sua

Mas a porta ainda era uma porta e estava fechada: e agora entreaberta. Através dela, na varanda, ele viu a garrafa de uísque, ligeiramente menor e mais vazia de esperança que o Burke's Irish, largada ali. Yvonne não havia se oposto a nada: ele tinha sido injusto com ela. No entanto isso era motivo para ele ser injusto também com a garrafa? Nada no mundo era mais terrível que uma garrafa vazia! A não ser um copo vazio. Mas ele podia esperar: sim, às vezes ele sabia deixar a garrafa sossegada. Voltou para a cama e pensou ou disse:

“É: já posso ver as críticas. Os sensacionais novos dados do sr. Firmin sobre a Atlântida! A coisa mais extraordinária de seu gênero desde Donnelly! Interrompida por sua morte prematura... Maravilhoso. E os capítulos sobre os alquimistas! Que reduzem a frangalhos o bispo da Tasmânia. Só que não é bem assim que eles vão dizer. Bem bom, hein? Eu podia até trabalhar em alguma coisa sobre Coxcox e Noé. E já tenho um editor interessado; em Chicago, interessado, mas não preocupado, se me entende, porque é realmente um erro imaginar que um livro desses possa vir a ser popular. Mas é incrível, pensando bem, como o espírito humano parece florescer à sombra do matadouro! Como, sem falar de toda a poesia, não muito abaixo dos currais para escapar completamente do fedor da cervejaria do amanhã, as pessoas conseguem viver em porões a vida dos velhos alquimistas de Praga! É: viver entre as coabitações do próprio Fausto, entre litargo, ágata, jacinto e pérolas. Uma vida que é amorfa, plástica e cristalina. Do que estou falando? *Copula maritalis*? Ou de álcool para alcaeste. Você pode me dizer?... Ou talvez eu consiga outro emprego, com o cuidado de primeiro pôr um anúncio no *Universal*: acompanho mortos a qualquer lugar do leste!”

Yvonne estava sentada, olhava sua revista, a camisola ligeiramente puxada de lado deixando ver o ponto em que seu ardente bronzeado empalidecia na pele branca do seio, os braços fora das cobertas e uma mão virada para baixo pousada na beira da cama; quando ele se aproximou ela virou essa mão com a palma para cima num movimento



ele estava onde estava, suave agora, olhando o caminho da entrada pela janela — mas sem interromper o prelúdio, a pequena introdução com um dedo só da composição inclassificável que poderia ainda vir em seguida — temendo que Hugh aparecesse ali, ele então realmente imaginou vê-lo no fim do caminho atravessando o espaço, ouviu de forma distinta seus passos no cascalho... Ninguém. Mas agora, agora ele queria ir, apaixonadamente queria ir, ciente de que a paz da cantina mudava para suas primeiras preocupações febris da manhã: o exilado político no canto tomava discretamente seu suco de laranja, o contador que chega, as contas melancolicamente examinadas, os blocos de gelo arrastados para dentro por um brigão com um escorpião de ferro, um barman que fatiava limões, o outro, com sono nos olhos, separando garrafas de cerveja. E agora, agora ele queria ir, consciente de que o lugar se enchia de pessoas que não eram parte da cantina em nenhuma outra hora, pessoas que arrotavam, explosivas, cometiam inconveniências, cordas de laço nos ombros, ciente também do entulho da noite anterior, as caixas de fósforos mortas, as cascas de limão, os cigarros abertos como tortilhas, os maços mortos deles enxameando sujeira e catarro. Agora que o relógio acima do espelho dizia que passava um pouco das nove e os jornaleiros de *La Prensa* e *El Universal* entravam pisando forte, ou paravam no canto neste exato instante diante dos urinóis imundos lotados com os engraxates que carregavam seus apetrechos de engraxar sapatos nas mãos ou os deixavam equilibrados entre o ardente apoio de pés e o balcão, agora ele queria ir! Ah, ninguém além dele sabia como tudo aquilo era bonito, o sol, o sol, o sol inundando o bar de El Puerto del Sol, banhando o agrião e as laranjas ou deixando uma única linha dourada cair como uma lança diretamente para dentro de um bloco de gelo, como se no ato de conceber um Deus...

“Desculpe, não está dando certo, sinto muito.” O cônsul fechou a porta ao passar e uma pequena chuva de estuque banhou sua cabeça. Um



*Informe londres imprensa Daily Globe recolhido o seguinte ontem campanha antissemita iminente pro petição impresamex ce te eme confederação trabalhadoresmex pro expulsão exmexico aspas pequenos manufactureiros texteis judeus fecha aspas sabido hoje fonte confiavel legação alema cidademex ativamente por tras campanha etdeclaração que legação enfatizou muito envio propaganda antissemita deptmex de interior confirmou posse jornalista local stop panfleto afirma judeus influencia desfavoravel qualquer pais onde vivem etenfatiza aspas sua convicção poder absoluto etque conquistam seus objetivos sem consciencia nem consideração fecha aspas stop Firmin.*

Enquanto relia uma vez mais o carbono desse despacho final (enviado esta manhã da Oficina Principal da Compañía Telegráfica Mexicana, esquina San Juan de Letrán e Independencia, México, D. F.), Hugh Firmin foi menos que devagar, tão lentamente se movia pelo caminho até a casa de seu irmão, o paletó do irmão equilibrado nos ombros, um braço enfiado quase até o cotovelo nas alças duplas da pequena mala gladstone do irmão, seu revólver no coldre axadrezado batendo preguiçosamente na coxa: olhos nos pés, eu devo ter, e palha também, pensou ao parar na beira do buraco profundo, então seu coração e o mundo pararam também; o cavalo a meio caminho sobre a barreira, o mergulhador, a guilhotina, o homem enforcado caindo, a bala do assassino e o bafo do canhão, na Espanha ou na China, congelados no ar, a roda, o pistão, paralisados...

Yvonne, ou algo tecido com filamentos do passado que se parecia com ela, trabalhava no jardim, e a pouca distância dava a impressão de estar totalmente vestida de sol. Ela se pôs de pé — estava com uma calça

“Hugh, isso é bem você!”

Yvonne se pôs de pé ali embaixo, sorriu para ele, as mãos nos bolsos da calça, pés bem separados, como um menino. Os seios empinados debaixo da blusa bordada com pássaros, flores e pirâmides que ela provavelmente comprara ou trouxera por causa de Geoff, e mais uma vez Hugh sentiu a dor em seu coração e desviou o olhar.

“Eu talvez devesse ter dado um tiro no bastardo de uma vez: só que ele era um porco muito decente...”

“Às vezes, dá para ver Parián daqui.”

Hugh oferecia um cigarro ao ar. “Não é bem insuportavelmente inglês ou algo típico de Geoff estar dormindo?” Ele acompanhou Yvonne pelo caminho. “Tome, meu último feito à máquina.”

“Geoffrey foi ao baile da Cruz Vermelha ontem à noite. Está bem cansado, pobrezinho.” Continuaram a caminhar juntos, fumando. Yvonne se detinha a cada poucos passos para arrancar uma erva daninha ou outra, até parar de repente para observar um canteiro completa e violentamente emaranhado por uma rústica trepadeira verde. “Meu Deus, este jardim era lindo. Era como o paraíso.”

“Então vamos escapar deste inferno. A menos que você esteja muito cansada para caminhar.” Um ronco ricocheteou, agonizado, amargo, mas controlado, único, e flutuou até o ouvido dele: a voz abafada da Inglaterra havia muito adormecida.

Yvonne olhou em torno depressa, como se temesse que Geoff fosse catapultado através da janela, com cama e tudo, a menos que estivesse na varanda, e hesitou: “Nem um pouco”, disse animada, cálida. “Vamos...” Seguiu pelo caminho, à frente dele. “O que estamos esperando?”

Inconscientemente, ele a observava, o pescoço e os braços nus e morenos dela, a calça amarela e as vívidas flores escarlate por trás de Yvonne, seu cabelo castanho em torno das orelhas, os movimentos ágeis e graciosos da sandália amarela na qual ela parecia dançar, flutuar mais que caminhar. Ele a alcançou e mais uma vez caminharam juntos,

“Eu tinha um amigo inglês que foi lutar na Espanha e se morreu acho que ainda está lá.” Hugh lambeu a dobra do papel, fechou-o e acendeu, o cigarro queimou firme e depressa. “Na verdade, ele foi dado por morto duas vezes, mas apareceu de novo nas duas últimas vezes. Foi em 36. Enquanto esperavam Franco atacar, ele ficava deitado ao lado da metralhadora na Cidade Universitária, lendo De Quincey, que nunca tinha lido. Mas a metralhadora pode ser exagero meu: acho que não tinham nenhuma. Ele era comunista e praticamente o melhor homem que já conheci. Gostava de Vin Rosé d’Anjou. Ele também tinha um cachorro chamado Harpo, em Londres. Você provavelmente não pensaria que um comunista teria um cachorro chamado Harpo. Ou pensaria?”

“Você pensaria?”

Hugh apoiou um pé no parapeito e olhou seu cigarro, que parecia torto como a humanidade, se consumir o mais depressa possível.

“Tive outro amigo que foi para a China, mas não sabia o que fazer lá, ou eles não sabiam o que fazer com ele, então foi para a Espanha também, como voluntário. Foi morto por uma bomba perdida antes de ver qualquer ação. Esses dois sujeitos tinham vidas perfeitamente boas em casa. Não tinham roubado nenhum banco.” Ele fez um silêncio canhestro.

“Claro que fomos embora da Espanha mais ou menos um ano antes que começasse, mas Geoffrey sempre dizia que havia sentimento demais em toda essa história de ir morrer pelos legalistas. Na verdade, ele dizia que seria muito melhor se os fascistas simplesmente vencessem e pusessem um fim em tudo...”

“Ele agora segue outra linha. Diz que *quando* os fascistas vencerem haverá apenas uma espécie de ‘congelamento’ da cultura na Espanha. A propósito, aquilo ali em cima é a lua? Bom, um congelamento. Que provavelmente vai descongelar em alguma data futura, quando se descobrir que apenas houve, por assim dizer, um estado de animação



Ele apontou: “Lá”.

“Claro”, Yvonne disse devagar, “eu tinha esquecido. São do Casino de la Selva: soltam lá para pastarem ou alguma coisa assim. Se a gente subir o morro mais um pouco chegamos lá...”

Numa suave encosta à esquerda deles agora, potros de pelagem lustrosa rolavam na grama. Da Calle Nicaragua, eles viraram para uma estreita alameda sombreada que levava a uma lateral do padoque. Os estábulos eram parte do que parecia ser uma fazenda leiteira modelo. Estendia-se além dos estábulos em solo plano, onde árvores altas de aspecto inglês alinhavam-se em ambos os lados de uma avenida gramada com marcas de rodas. À distância, umas poucas vacas bastante grandes que, no entanto, assim como os *longhorns* do Texas, guardavam uma perturbadora semelhança com veados (você conseguiu seu gado de novo, pelo que vejo, disse Yvonne), se abrigavam debaixo das árvores. Uma fileira de baldes de leite brilhantes diante do estábulo ao sol. Um cheiro doce de leite, baunilha e flores silvestres pairava no local tranquilo. E o sol sobre tudo isso.

“Que fazenda adorável”, disse Yvonne. “Acho que é algum experimento do governo. Eu adoraria ter uma fazenda assim.”

“... talvez você preferisse alugar uns dois antílopes grandes como aqueles ali”.

Os cavalos eram dois pesos por hora cada um. “Muy correcto”, os olhos negros do rapaz do estábulo brilharam, bem-humorados, ao ver a bota de Hugh, quando ele se virou habilmente para arrumar os estribos de Yvonne. Hugh não sabia por quê, mas aquele rapaz o lembrava como, na Cidade do México, se você para em certo ponto do Paseo de la Reforma de manhã cedo, de repente todo mundo por ali parece estar correndo, rindo, para o trabalho, debaixo do sol, passando pela estátua de Pasteur... “Muy incorrecto”, Yvonne conferiu sua calça: ela se ajeitou e se ajeitou, duas vezes, na sela. “Nunca andamos a cavalo juntos, não é?” Ela se inclinou para acariciar o pescoço da égua quando avançaram.

cavalo deixado em Cuicatlán: “Minha pobre égua, ela deve estar mordendo, mordendo o tempo inteiro”. Mas a voz agora falava do México da infância de Juan, do ano em que Hugh nascera. Juárez tinha vivido e morrido. No entanto, era um país sem censura, com garantia de vida, liberdade e busca da felicidade? Um país de escolas com murais brilhantes e onde mesmo cada pequena aldeia gelada de montanha tinha seu palco de pedra ao ar livre, e a terra pertencente a seu povo livre para expressar seu gênio nativo? Um país de fazendas-modelo: de esperança? Era um país de escravidão, onde seres humanos eram vendidos como gado e seus povos nativos, os yaquis, os papagos, os tomasachics, exterminados através de deportação ou reduzidos a algo pior que trabalhos forçados, suas terras dominadas ou nas mãos de estrangeiros. E em Oaxaca havia o terrível Valle Nacional onde o próprio Juan, um legítimo escravo de sete anos, tinha visto um irmão mais velho ser espancado até a morte e outro, comprado por quarenta e cinco pesos, morrer de fome em sete meses, porque era mais barato acontecer assim, e o dono do escravo comprar outro escravo, do que simplesmente ter um escravo mais bem alimentado que o trabalho matasse dentro de um ano. Tudo isso falava de Porfirio Díaz: rurales por toda parte, jefes políticos e assassinato, a extirpação de instituições políticas liberais, o exército uma máquina de massacre, um instrumento de exílio. Juan sabia disso, sofrera isso, e mais. Pois mais tarde, na revolução, sua mãe foi assassinada. E, mais tarde ainda, o próprio Juan matou seu pai, que havia lutado com Huerta, mas se tornara traidor. Ah, culpa e remorso tinham perseguido os passos de Juan também, porque ele não era um católico que conseguia emergir aliviado do banho frio da confissão. No entanto, a banalidade permanecia: que o passado era irrecuperavelmente passado. E a consciência havia sido dada ao homem para lamentar apenas na medida em que podia mudar o futuro. Porque o homem, todo homem, Juan parecia lhe dizer, assim como o México, tem de incessantemente lutar para subir. O que era a vida senão a guerra e a estadia de um estranho? A



tivesse acontecido, se não fosse tão absolutamente necessário ir e me enforçar...

E ali, de fato, estava de novo a tentação, a covarde serpente corruptora do futuro: pise em cima dela, seu tolo idiota. Seja o México. Você não atravessou o rio? Em nome de Deus, morra. E Hugh então passou de fato sobre uma cobra-liga morta, cravada no caminho como um cinto num traje de banho. Ou talvez fosse um monstro de Gila.

Tinham saído na borda mais externa do que parecia um parque espaçoso, um tanto descuidado, que se espalhava à direita, ou o que um dia fora um imenso bosque, plantado com árvores altas e majestosas. Puxaram as rédeas e Hugh, atrás, cavalgou devagar sozinho por algum tempo... Os potros o separaram de Yvonne, que olhava à frente com olhar vago como se insensível ao que havia em torno. O bosque parecia irrigado por cursos de água artificiais entupidos de folhas — embora nem todas as árvores fossem decíduas e debaixo delas houvesse frequentes poças de sombra — e era riscado de caminhos. A alameda deles havia, de fato, se tornado um desses caminhos. Um ruído de trem soou à esquerda; a estação não devia estar longe; provavelmente estava escondida atrás daquele morrinho acima do qual pairava uma pluma de vapor branco. Mas um trilho ferroviário, elevado sobre o mato, brilhava entre as árvores à direita; a linha parecia fazer um desvio largo em torno do local. Eles passaram por uma fonte seca abaixo de alguns degraus quebrados, o leito cheio de gravetos e folhas. Hugh fungou: um estranho cheiro cru, que ele não conseguiu identificar de início, permeou o ar. Começaram a entrar no indistinto recinto do que devia ter sido um chateau francês. O edifício, meio escondido pelas árvores, ficava numa espécie de pátio no final do bosque, fechado por uma fileira de ciprestes que cresciam atrás do muro alto, no qual um portão maciço estava aberto bem na frente deles. O vento soprava poeira pela abertura. *Cervecería Quauhnahuac*: Hugh viu escrito em letras brancas na lateral do chateau. Ele chamou e acenou para Yvonne parar. Então o chateau era uma cervejaria, mas de



cachorro tocava os potros para a valeta. O ônibus, Tomalín-Zócalo, desapareceu, clangoroso, ao virar a esquina.

“É um jeito de chegar a Parián”, Yvonne protegeu seu rosto da poeira.

“Não era o ônibus de Tomalín?”

“Mesmo assim é o jeito mais fácil de chegar a Parián. Acho que existe um ônibus que vai direto para lá, mas sai do outro lado da cidade e vai por outra estrada, de Tepalzanco.”

“Parián parece ter alguma coisa sinistra.”

“Na verdade, é um lugar bem sem graça. Claro que é a antiga capital do estado. Anos atrás, havia um imenso mosteiro lá, eu acho, bem parecido com Oaxaca nesse aspecto. Algumas lojas e até as cantinas são parte do que era antes a acomodação dos monges. Mas é quase uma ruína.”

“Imagino o que Weber vê lá”, Hugh disse. Eles deixaram para trás os ciprestes e a cervejaria. Como chegaram, sem perceber, a uma passagem de nível sem portão, viraram à direita de novo, dessa vez a caminho de casa.

Cavalgavam lado a lado pelo trilho do trem que Hugh tinha visto do bosque, flanqueavam as árvores em direção quase oposta ao caminho por onde haviam chegado. De ambos os lados, um barranco baixo descia para uma vala estreita, além da qual estendia-se um matagal. Acima deles os fios do telégrafo zuniam e gemiam: *violão violão violão*: que era, talvez, coisa melhor a dizer do que *prisões*. O trilho, duplo, mas de bitola estreita, agora se desviava do bosque, por nenhuma razão aparente, depois voltava a correr paralelo a ele. Um pouco adiante, como se para equilibrar as coisas, fazia um desvio semelhante na direção do bosque. Mas à distância voltava a fazer uma curva aberta para a esquerda de proporção tal que dava a sensação de que devia logicamente se enrolar com a estrada de Tomalín. Aquilo era demais para os postes de telégrafo, que seguiam arrogantemente retos à frente e se perdiam de vista.

assobiar, o potro voltou para o barranco, e eles eram um grupo outra vez, em trote pela egoísta ferrovia serpenteante. “Hugh”, Yvonne disse, “eu tive uma ideia quando vinha no navio... Não sei se... Sempre sonhei ter uma fazenda em algum lugar. Uma fazenda de verdade, sabe, com vacas, porcos, galinhas... e um celeiro vermelho, campos de milho e trigo.”

“O quê, nenhuma galinha-d’angola? Eu podia ter um sonho desses dentro de uma ou duas semanas”, disse Hugh. “Onde entra essa fazenda?”

“Ora... Geoffrey e eu podíamos comprar uma.”

“*Comprar* uma?”

“É assim tão absurdo?”

“Acho que não, mas onde?” Os 750 ml de cerveja forte que Hugh tomara começavam a fazer seu agradável efeito e de repente ele deu uma risada que mais pareceu um espirro. “Desculpe”, disse, “é que imaginei Geoff no meio da alfafa, de macacão e chapéu de palha, carpindo, todo sério.”

“Nem precisaria ser assim tão sério. Eu não sou um ogro.” Yvonne ria também, mas seus olhos escuros, que brilhavam antes, estavam opacos, recolhidos.

“E se o Geoff detestar fazendas? Talvez ele fique enjoado com a mera visão de uma vaca.”

“Ah, não. Antigamente a gente sempre falava de ter uma fazenda.”

“Você *sabe* alguma coisa sobre fazenda?”

“Não.” Yvonne, de repente deliciada, descartou a possibilidade, inclinou-se e afagou o pescoço da égua. “Mas eu pensei que a gente podia achar um casal que tivesse perdido a própria fazenda, ou algo parecido, para cuidar dela para nós e morar ali.”

“Eu não teria pensado que fosse exatamente uma boa coisa começar a prosperar como nobreza proprietária de terras, mas talvez seja. Onde seria essa fazenda?”

“Bom... O que nos impede de ir para o Canadá, por exemplo?”

até em novembro. E conhecer gente de verdade: os pescadores de rede, os velhos construtores de barcos, os que caçam com armadilhas, segundo McGoff o último povo realmente livre do mundo. Nesse meio-tempo, você pode mandar arrumar sua ilha e encontrar sua fazenda, que antes vai ter que usar como chamariz, se ainda quiser...”

“Ah, Hugh, eu quero, *sim...*”

Ele quase sacudiu o cavalo dela com entusiasmo. “Posso até ver seu barracão. Ele fica entre a floresta e o mar e você tem um píer para descer até a água pelas pedras ásperas, sabe, cobertas de cracas, anêmonas e estrelas-do-mar. Você vai ter que atravessar a floresta até a loja.” Hugh viu a loja mentalmente. *A floresta vai estar úmida. E de vez em quando uma árvore cai com ruído. E às vezes há neblina e essa neblina congela. Então a floresta inteira vira uma floresta de cristal. Os cristais de gelo nos ramos crescem como folhas. Depois, logo em seguida você vai ver o nabo-selvagem, e aí é primavera.*

Eles estavam galopando... Um campo plano e nu tomou o lugar das moitas e eles avançavam animados, os potros empinando deliciados adiante, quando de repente o cachorro passou como um raio e as éguas entraram quase imperceptivelmente num longo passo ondulante e solto, Hugh teve a sensação de mudança, o límpido prazer elementar que se experimenta também a bordo de um barco que, ao deixar a água agitada do estuário, se abandona ao balanço e ritmo do mar aberto. Um tênue carrilhão soou à distância, subiu e desceu, afundou de volta como se na própria substância do dia. Judas tinha esquecido; não, Judas havia, de alguma forma, se redimido.

Galopavam paralelo à rua que não tinha cercas vivas e em solo nivelado, então o trovejar surdo e regular dos cascos mudou abruptamente para um som duro, metálico, disperso, e eles metralhavam pela rua: ela virava à direita, contornava a floresta em torno de uma espécie de promontório que se projetava na planície.



*Atrás deles caminhava o único ser vivo que compartilhava sua peregrinação, o cachorro. Aos poucos, chegaram ao mar salgado. Então, com as almas bem disciplinadas, atingiram a região norte e divisaram, com coração que aspirava o céu, a poderosa montanha Himavat... Na qual os lagos ondeavam, os lilases floriam, os plátanos estavam em botão, as montanhas cintilavam, as cachoeiras brincavam, a primavera era verde, a neve branca, o céu azul, as flores de frutas eram nuvens: e ele ainda estava com sede. Depois a neve não cintilava, as frutas não eram nuvens, havia mosquitos, o Himalaia estava escondido pela poeira e ele estava com mais sede que nunca. Depois o lago soprava, a neve soprava, as cachoeiras sopravam, as flores de frutas sopravam, as estações sopravam — sopravam longe —, ele era soprado para longe, girava num turbilhão de flores para dentro das montanhas, onde agora chovia. Mas essa chuva, que só caía nas montanhas, não saciava sua sede. Tampouco ele estava, afinal, nas montanhas. Estava parado, no meio do gado, num rio. Descansava, com alguns pôneis, mergulhados até os joelhos a seu lado no brejo frio. Estava deitado de bruços e bebia de um lago em que se refletiam as cadeias de topos brancos, as nuvens empilhadas até oito quilômetros de altura atrás da poderosa montanha Himavat, os plátanos roxos e uma aldeia aninhada entre as amoreiras. Mas sua sede continuava insaciada. Talvez porque bebesse não água, mas claridade, e promessa de claridade: como podia beber promessa de claridade? Talvez porque bebesse não água, mas certeza de clareza? Como ele podia beber certeza de clareza? Certeza de clareza, promessa de claridade, de luz, luz, luz e de novo, de luz, luz, luz, luz!*

... O cônsul, uma angústia inconcebível de ressaca horripilante trovejando dentro da cabeça, acompanhado pela tela protetora de

demônios que zumbiam em seus ouvidos, tomou consciência de que na horrenda casualidade de ser observado por seus vizinhos dificilmente se poderia supor que ele estivesse apenas passeando por seu jardim com algum inocente projeto horticultural em vista. Ele tampouco estava passeando. O cônsul, que tinha acordado um ou dois momentos antes na varanda e lembrado de tudo imediatamente, estava quase correndo. Estava também cambaleante. Em vão tentou se equilibrar, enfiou mais fundo as mãos nos bolsos da calça social encharcada de suor, com uma excepcional tentativa de nonchalance, na qual ele esperava aparecesse mais que apenas um indício de majestade consular. Então, reumatismo descartado, ele de fato corria... Não poderia, portanto, ser razoavelmente suspeito de um propósito mais dramático, de ter assumido, por exemplo, o borzeguim impaciente de um William Blackstone que deixou os puritanos para morar entre os índios, ou a desesperada conduta de seu amigo Wilson, quando ele tão magnificamente abandonou a Expedição Universitária para desaparecer, também com uma calça social, na floresta da mais escura Oceania, para nunca mais regressar? Não muito razoável. Primeiro, se ele continuasse muito mais na atual direção até o fundo do jardim, qualquer visionária escapada assim para o desconhecido seria logo barrada por aquilo que era, para ele, uma inescapável cerca de arame. “Porém não seja tão tolo a ponto de imaginar que você não tem nenhum objetivo. Nós te alertamos, nós dissemos a você, mas agora, apesar de todos os nossos pedidos, você se meteu nessa deplorável...” Ele reconheceu o tom de um de seus espíritos familiares, tênue entre as outras vozes, enquanto ele se estatelava nas metamorfoses de alucinações de morte e renascimento, como um homem que não sabe que levou um tiro pelas costas. “... condição”, a voz continuou, severa, “você tem que tomar alguma providência”. “Eu não vou beber”, o cônsul disse, e parou de repente. “Ou vou? Mas não mescal.” “Claro que não, a garrafa está logo ali, atrás daquela moita. Pegue.” “Não posso”, ele objetou. “Está certo, tome só um drinque, só o necessário, o drinque terapêutico: talvez



dois drinques.” “Meu Deus”, disse o cônsul. “Ah. Bom. Deus. Jesus.” “Aí você pode dizer que não entra na conta.” “Não entra. Não é mescal.” “Claro que não, é tequila. Você pode tomar outro.” “Obrigado, vou tomar.” O cônsul levou espasmodicamente a garrafa aos lábios. “Que bênção. Jesus. Santuário... Horror”, acrescentou. “Pare: deixe essa garrafa, Geoffrey Firmin, o que está fazendo consigo mesmo?”, outra voz falou em seu ouvido, tão alto que ele se virou. No caminho à frente, uma pequena cobra que ele pensara ser um graveto se escondia nos arbustos e ele olhou um momento através dos óculos escuros, fascinado. Era uma cobra de verdade, sim. Não que ele se importasse muito com algo tão simples como cobras, pensou com certa dose de orgulho, enquanto olhava direto para os olhos de um cachorro. Era um vira-lata e perturbadoramente familiar. “Perro”, ele repetiu, o cachorro ainda parado ali. Mas se não tivesse ocorrido esse incidente, talvez não agora, por assim dizer, mas uma ou duas horas antes, ele pensou num relâmpago. Estranho. Ele jogou a garrafa que era de vidro branco corrugado — Tequila Añejo de Jalisco, dizia o rótulo — fora de vista no mato, a olhar por ele. Parecia tudo normal outra vez. Afinal, cobra e cachorro tinham ido embora. E as vozes cessaram...

O cônsul sentiu-se nesse momento em posição de encarar, por um instante, a ilusão de que estava tudo realmente “normal”. Yvonne devia estar dormindo: não havia por que incomodá-la ainda. E foi uma sorte ele ter lembrado da garrafa de tequila ainda quase cheia: agora tinha a chance de se endireitar um pouco, coisa que jamais teria conseguido na varanda, antes de cumprimentá-la de novo. Havia muita dificuldade envolvida, nessas circunstâncias, em beber na varanda; era muito bom um homem saber onde tomar um drink sossegado quando quisesse, sem ser incomodado etc. etc... Todas essas ideias passavam pela cabeça dele, que, diga-se, assentindo com pompa, as aceitava com total seriedade, enquanto ele olhava de novo o jardim. Estranhamente, não lhe pareceu tão “arruinado” quanto parecera antes. O caos que podia existir



até emprestava certo charme. Ele gostava da exuberância do mato não podado ali. Enquanto mais adiante as soberbas bananeiras floresciam tão determinadas e obscenas, as esplêndidas trepadeiras de trombeta americana, as valentes e teimosas pereiras, os mamoeiros plantados em torno da piscina e, além, o próprio bangalô, baixo, branco, coberto de buganvílias, a longa varanda como a ponte de um navio positivamente produzia uma pequena visão de ordem, uma visão, porém, que de modo inadvertido se mesclava àquele momento em que ele se voltou, por acaso, para uma visão estranhamente subaquática de planícies e vulcões com um imenso sol índigo queimando pluralmente no sul-sudeste. Ou seria norte-noroeste? Ele notou tudo isso sem tristeza, mesmo com certo êxtase, enquanto acendia um cigarro, um Alas (embora repetisse a palavra “Alas” de forma mecânica em voz alta), o suor de álcool a escorrer da testa como água, ele começou a andar pelo caminho na direção da cerca que separava seu jardim do novo jardimzinho público ali adiante que truncava sua propriedade.

Nesse jardim, que ele não tinha olhado desde o dia em que Hugh chegara, quando havia escondido a garrafa, e que parecia mantido com cuidado e amor, existiam no momento alguns sinais de trabalho deixado por completar: ferramentas, ferramentas diferentes, um facão assassino, um garfo de formato estranho, de algum modo nu, empalando a mente, com as pontas retorcidas brilhando ao sol, encostadas à cerca, assim como também algo mais, uma placa desenterrada ou nova, cuja pálida face retangular o encarava através da cerca de arame. ¿Le gusta este jardín?, ela perguntava...

¿LE GUSTA ESTE JARDÍN?

¿QUE ES SUYO?

¡EVITE QUE SUS HIJOS LO DESTRUYAN!

Sem se mover, o cônsul olhou as palavras pretas na placa. Gosta deste jardim? Porque ele é seu? Expulsamos filhos que o destroem! Palavras

simples, simples e terríveis palavras, palavras que tocavam o fundo mesmo do ser, palavras que, talvez um julgamento final de alguém, mesmo assim não produziam nenhuma emoção, a não ser uma espécie de agonia branca, descolorida, fria, uma agonia gelada como o mescal gelado tomado no Hotel Canada na manhã em que Yvonne partiu.

Porém agora ele bebia tequila de novo e sem fazer a mínima ideia de como tinha voltado tão depressa e encontrado a garrafa. Ah, o sutil buquê de alcatrão e teredos! Sem se importar de ser observado dessa vez, bebeu profunda e fartamente, depois se levantou — e, tinha, sim, sido observado, por seu vizinho, Mr. Quincey, que regava as flores à sombra da cerca comum deles à esquerda, além das roseiras bravas —, estava de frente para seu bangalô outra vez. Sentiu-se encurralado. Foi-se a breve visão desonesta de ordem. Sobre sua casa, acima dos espectros de abandono que agora se recusavam a se disfarçar, pairavam as asas trágicas das responsabilidades insustentáveis. Atrás dele, no outro jardim, seu destino repetia baixinho: “Porque é seu?... Você gosta deste jardim?... Expulsamos filhos que o destroem!” Talvez a placa não dissesse exatamente isso, porque o álcool às vezes prejudicava o espanhol do cônsul (ou talvez a própria placa, escrita por algum asteca, estivesse errada), mas chegava bem perto. Tomou uma decisão abrupta, largou a tequila no mato outra vez, virou-se para o jardim público e caminhou com uma tentativa de passo “fácil”.

Não que ele tivesse qualquer intenção de “conferir” as palavras da placa, que certamente pareciam ter mais pontos de interrogação do que deveria; não, o que ele desejava, agora via com clareza, era falar com alguém: isso era necessário: mas era mais do que só isso; o que ele desejava envolvia algo como captar nesse momento uma brilhante oportunidade, ou, mais exatamente, uma oportunidade de ser brilhante, uma oportunidade oferecida por aquela aparição de Mr. Quincey através dos arbustos que, agora à sua direita, ele teria de circundar a fim de chegar a ele. Mas essa oportunidade de ser brilhante era, por sua vez,



mais como alguma outra coisa, uma oportunidade de ser admirado; até mesmo de ser amado, e ele podia ao menos agradecer à tequila por essa honestidade, por breve que fosse sua duração. Amado precisamente por que era outra questão: uma vez que havia perguntado isso a si mesmo, podia responder: amado por minha aparência irresponsável e descuidada, ou melhor, pelo fato de, por baixo dessa aparência, brilhar tão obviamente o fogo do gênio que, não tão obviamente, não é meu gênio, mas de uma forma extraordinária o gênio de meu velho e bom amigo Abraham Taskerson, o grande poeta, que um dia falou luminosamente de minhas potencialidades quando jovem.

E o que ele queria nesse momento, ah nesse momento (ele tinha se voltado à direita sem olhar a placa e seguia o caminho ao longo da cerca de arame), o que ele queria nesse momento, pensou, com um olhar anelante para as planícies, e nesse momento ele podia jurar que uma figura, de cujo vestido não teve tempo de notar os detalhes antes que partisse, mas que aparentava algum tipo de luto, estivera parada, cabeça baixa na maior angústia, perto do centro do jardim público; o que você quer então, Geoffrey Firmin, se apenas o antídoto contra essas alucinações rotineiras é, ora, é, nada menos que beber; beber, de fato, o dia inteiro, bem como as nuvens mais uma vez oferecem e, no entanto, não exatamente; de novo é mais sutil que isso; você não quer simplesmente beber, mas beber em determinado lugar e em determinada cidade.

Parián!... Era um nome que sugeria mármore antigo e Cíclades varridas por ventos de tempestade. O Farolito de Parián, como o atraía com suas vozes tristonhas à noite e ao amanhecer. Mas o cônsul (tinha virado para a direita outra vez, deixara a cerca de arame para trás) se deu conta de que ainda não estava bêbado o bastante para se animar muito com suas chances de ir para lá; o dia apresentava muitas e imediatas... armadilhas! Era a palavra exata... Ele tinha quase caído na barranca, cujo setor sem proteção do declive mais alto (a ravina fazia uma curva fechada



ali na direção da estrada de Alcapancingo, para se curvar de novo abaixo e seguir seu rumo que cortava o jardim público) acrescentava nesse ponto um quinto lado minúsculo à sua propriedade. Ele parou, espiou, com destemor de tequila, de cima da borda. Ah, o abismo assustador, o eterno horror de opostos! Tu, poderosa bocarra, insaciável cormorão, não zombes de mim, embora eu pareça petulante por cair em tuas fauces. Estamos sempre tropeçando, afinal, na maldita coisa, aquela imensa e intrincada donga a cortar a cidade, certo, de fato, o país, em alguns lugares com uma queda livre de sessenta metros até o que fingia ser um rústico rio durante a estação das chuvas, mas que, mesmo agora, apesar de não ser possível ver o fundo, provavelmente começava a retomar seu papel normal de general Tartarus e fossas gigantescas. Talvez não fosse tão assustadora ali: dava até para descer se alguém quisesse, em estágios fáceis, claro, e de vez em quando tomar um gole de tequila a caminho, para ir visitar o cloacal Prometeu que sem dúvida habitava ali. O cônsul andou mais devagar. Tinha ido dar cara a cara com sua casa outra vez e, simultaneamente, com o caminho que circundava o jardim de Mr. Quincey. À sua esquerda, além da cerca comum, agora à mão, o gramado verde do americano que, naquele momento, era regado com inúmeras pequenas mangueiras giratórias, acompanhava na paralela os seus espinheiros. Nenhum gramado inglês poderia parecer mais macio ou lindo. De repente, tomado de emoção e, ao mesmo tempo, por um violento ataque de soluços, o cônsul se pôs atrás do tronco retorcido e enraizado de uma árvore frutífera ao lado dele, mas que espalhava seu remanescente de sombra sobre o outro, encostou-se nele, prendeu a respiração. Dessa curiosa maneira, imaginou-se escondido de Mr. Quincey, que trabalhava mais adiante, mas logo esqueceu completamente de Quincey em espasmódica admiração por seu jardim... Será que isso aconteceria no final, e isso o salvaria, aquele velho Popeye começaria a parecer menos desejável que um monte de escória em Chester-le-Street e aquela poderosa perspectiva johnsoniana, a

estrada para a Inglaterra, se estenderia de novo pelo oceano Ocidental da alma dele? E como seria peculiar! Que estranho atracar em Liverpool, o Edifício Liver visto uma vez mais em meio à neblina da chuva, aquela escuridão que já cheirava a cevadeiras e cerveja Caegwyrle, os conhecidos vapores cargueiros de calado profundo, de mastros harmoniosos, ainda partindo firmemente com a maré, mundos de ferro que escondiam suas tripulações das mulheres de xales pretos chorosas nos ancoradouros: Liverpool, de onde partiam tantas vezes durante a guerra, com ordens sigilosas, aqueles misteriosos caça-submarinos camuflados de navios mercantes, falsos cargueiros transformados em um segundo em navios de guerra, perigo obsoleto de submarinos, viajantes trombudos do inconsciente do mar...

“Dr. Livingstone, eu suponho.”

“Hick”, fez o cônsul, perplexo com a prematura redescoberta tão próxima daquela figura alta, ligeiramente curvada, de camisa cáqui e calça cinza de flanela, sandália, imaculado, grisalho, completo, em forma, um orgulho para Soda Springs, com um regador na mão, que olhava para ele com desagrado por trás de óculos de aro de chifre, do outro lado da cerca. “Ah, bom dia, Quincey.”

“Bom por quê?”, perguntou, desconfiado, o plantador de nozes, sem interromper seu trabalho de regar os canteiros de flores, que estavam fora do alcance de suas mangueiras incessantemente giratórias.

O cônsul apontou seus espinheiros e, talvez de forma inconsciente, também na direção da garrafa de tequila. “Eu vi você dali... eu estava inspecionando minha selva, sabe?”

“Você estava fazendo o *quê?*” Mr. Quincey olhou para ele por cima do regador como se dissesse: eu vi tudo isso acontecer; eu sei de tudo porque eu sou Deus e, mesmo sendo um Deus muito mais velho que você, ele já estava de pé a essa hora e lutando, se preciso fosse, enquanto você ainda nem mesmo sabe se está acordado ou não, e mesmo que você tivesse passado a noite inteira de pé certamente não estaria batalhando, como eu



faria, nem estaria pronto para lutar contra qualquer coisa ou qualquer pessoa, diga-se de passagem, ao menor sinal!

“Eu acho que é realmente uma selva”, continuou o cônsul. “De fato espero que Rousseau saia daí a qualquer momento montado num tigre.”

“Como é que é?”, Mr. Quincey perguntou, franzindo a testa de um jeito que devia significar: e também Deus nunca bebe antes do café da manhã.

“Num tigre”, o cônsul repetiu.

O outro olhou para ele por um momento com o olhar sardônico e frio do mundo material. “Creio que sim”, disse, seco. “Muitos tigres. Muitos elefantes também... Posso pedir que da próxima vez que visitar sua selva vomite do seu lado da cerca?”

“Hick”, o cônsul respondeu simplesmente. “Hick”, rosnou, rindo, e tentou pegar a si mesmo de surpresa batendo com força nos rins, um remédio que, estranhamente, parecia funcionar. “Desculpe ter dado essa impressão, era apenas este maldito soluço!”

“Foi o que notei”, disse Mr. Quincey, e talvez ele também tenha dado uma olhada sutil para a tocaia da garrafa de tequila.

“E o mais engraçado”, o cônsul interrompeu, “é que mal toquei em qualquer coisa além de água de Tehuacan a noite inteira... Por sinal, como conseguiu sobreviver ao baile?”

Mr. Quincey olhou duro para ele e começou a encher o regador num hidrante próximo.

“Só Tehuacan”, o cônsul continuou. “É um pouco de gaseosa. Isso deve fazer você lembrar da boa e velha Soda Springs, hein? Hi hi!, é, cortei a bebida de uma vez estes dias.”

O outro retomou a rega, seguindo com firmeza cerca abaixo e o cônsul, sem nada lamentar em deixar a árvore frutífera, na qual notara pendurada a sinistra carapaça de uma cigarra de sete anos, foi atrás dele passo a passo.

“É, estou no bom caminho agora”, comentou, “caso você não saiba.”



“A caminho do cemitério, eu diria, Firmin”, Mr. Quincey murmurou, provocante.

“Por sinal, eu vi uma daquelas cobrinhas de jardim agora há pouco”, o cônsul retrucou.

Mr. Quincey tossiu ou roncou, mas não disse nada.

“E ela me fez pensar... Sabe, Quincey, eu sempre me perguntei se não há alguma coisa mais na velha lenda do Jardim do Éden e tal. E se Adão não foi expulso do lugar coisa nenhuma? Quer dizer, no sentido que sempre entendemos...” O plantador de nozes erguera os olhos e olhava fixamente para ele com um ar que parecia, porém, se dirigir a um ponto bem abaixo da cintura do cônsul. “Que tal se o castigo dele consistiu realmente”, o cônsul continuou, caloroso, “em ter que *continuar vivendo lá, sozinho, claro*”, acrescentou, mais animado, “talvez Adão tenha sido o primeiro proprietário de terras e Deus o primeiro divisor de terras, uma espécie de Cárdenas, de fato — hi hi! —, chutou Adão para fora. Ahn? É”, o cônsul riu, consciente, além do mais, de que tudo aquilo provavelmente não era tão divertido nas circunstâncias históricas do momento, “porque é óbvio que todo mundo naquele tempo... não acha, Quincey?, que o pecado original foi ser proprietário de terras...”

O plantador de nozes balançou a cabeça para ele quase imperceptivelmente, mas não parecia concordar; seu olhar de realpolitik ainda estava concentrado no mesmo ponto abaixo da cintura do cônsul e este, ao olhar para baixo, se deu conta de que estava com a braguilha aberta. Licentia vatum mesmo! “Desculpe. J’adoube”, ele disse, fez o ajuste, continuou, rindo, e retomou seu primeiro tema, misteriosamente sem nenhuma vergonha da sua adversidade. “É, de fato. É... E claro que a verdadeira *razão* para aquele castigo, quer dizer, ele ser forçado a continuar vivendo no jardim, pode muito bem ter sido que o coitado, quem sabe, abominava em segredo o lugar! Simplesmente detestava e sempre tinha detestado. *E o Velho descobriu isso...*”

“Foi imaginação minha ou eu vi sua mulher ali agora há pouco?”, Mr. Quincey disse pacientemente.

“... e não é de admirar! Que se dane o lugar! Pense um pouco em todos os escorpiões e formigas-cortadeiras... para falar só de algumas abominações que ele deve ter precisado aguentar! O quê?”, o cônsul perguntou quando o outro repetiu a pergunta. “No jardim? É.. quer dizer, não. Como você sabe? Não, ela está dormindo pelo que eu...”

“Ela ficou um bom tempo fora, não?”, o outro disse suavemente, inclinado para poder ver com mais clareza o bangalô do cônsul. “Seu irmão ainda está aí?”

“Irmão? Ah, está falando do Hugh... Não, ele está na Cidade do México.”

“Acho que você vai descobrir que ele voltou.”

O cônsul então olhou para a casa. “Hick”, ele fez brevemente, apreensivo.

“Acho que ele saiu com a sua mulher”, o plantador de nozes acrescentou.

“lô-alô-olha-só-quem-vem-lá-minha-cobrinha-de-jardim-minha-pequena-angústia-na-grama...”, o cônsul saudou neste momento a gata de Mr. Quincey, esquecendo momentaneamente seu dono outra vez quando o meditativo animal cinzento, com o rabo tão longo que arrastava no chão, veio espreitar entre as zínias: o cônsul se curvou, bateu nas coxas, “oi-gatinha-psi-psi-minha-Priapsiu, minha-Edipsiu-psi”, e a gata identificou um amigo, emitiu um grito de prazer, se enfiou pela cerca e se esfregou nas pernas do cônsul, ronronando. “Minha pequena Xicohtécatl.” O cônsul endireitou o corpo. Deu dois assobios curtos enquanto abaixo dele as orelhas da gata giraram. “Ela acha que eu sou uma árvore com um passarinho em cima”, acrescentou.

“Não me admira”, Mr. Quincey retorquiu enquanto enchia o regador no hidrante.

“Animais que não são adequados para alimentação e que são mantidos só para o prazer, a curiosidade ou capricho, ahn?, como disse William Blackstone, já ouviu falar dele, claro!” De alguma forma, o cônsul estava agachado e conversava meio com a gata, meio com o plantador de nozes, que tinha parado para acender um cigarro. “Ou seria aquele outro William Blackstone?” Ele agora se dirige diretamente a Mr. Quincey, que não prestava atenção. “Sempre gostei desse personagem. Acho que foi William Blackstone. Ou então Abraham... Bom, um dia ele chegou ao que é agora, eu acho, não importa, algum lugar em Massachusetts. E viveu ali sossegado no meio dos índios. Depois de um tempo, os puritanos se instalaram do outro lado do rio. Convidaram William para ir para lá; disseram que aquele lado era mais saudável, sabe. Ah, essa gente, essa gente cheia de ideias”, ele disse para a gata, “o velho William não gostava deles, não gostava, não, então voltou a viver no meio dos índios, ele voltou. Mas os puritanos descobriram, Quincey, pode crer. Então ele simplesmente desapareceu, Deus sabe para onde... *Então, gatinha*”, o cônsul bateu no peito, indicativamente, e a gata, a cara inchada, o corpo arqueado, importante, deu um passo atrás, “os índios estão aqui.”

“Estão mesmo”, disse Mr. Quincey com um suspiro, um pouco à maneira exacerbada de um sargento-major, “junto com todas as cobras, elefantes cor-de-rosa e tigres de que você falava.”

O cônsul riu, um riso que soava sem humor, como se a parte de sua mente que sabia ser tudo aquilo acima de tudo uma paródia de um grande homem generoso, que um dia foi seu amigo, também soubesse o quanto era vazia a satisfação que a representação lhe dava. “Não índios de verdade... E eu não quis dizer no jardim; mas *aqui*.” Ele bateu no peito outra vez. “É, só a fronteira final da consciência, só isso. Gênio, como eu gosto tanto de dizer”, acrescentou ao se pôr de pé, ajeitar a gravata e (sem pensar mais na gravata) endireitar os ombros como se para acompanhar uma determinação que, também emprestada nessa ocasião



da mesma fonte que o gênio e seu interesse por gatos, o abandonou tão abruptamente como o tinha tomado. “O gênio vai cuidar de si mesmo.”

Em algum lugar ao longe, um relógio soava; o cônsul continuou parado, imóvel. “Ah, Yvonne, como já posso ter me esquecido de você, justamente hoje?” Dezenove, vinte, vinte e uma badaladas. No relógio dele eram quinze para as onze. Mas os toques não tinham terminado: soaram mais duas vezes, duas notas estranhas, trágicas: *bing-bong*: sussurradas. O vazio do ar depois cheio de sussurros: *alas, alas*. De verdade, queria dizer asas.

“Por onde anda o seu amigo, nunca me lembro o nome dele, aquele francês?”, Mr. Quincey tinha perguntado um momento antes.

“Laruelle?” A voz do cônsul veio de longe. Ele estava consciente da vertigem; fechou os olhos e, cansado, segurou-se na cerca para se equilibrar. As palavras de Mr. Quincey golpearam sua consciência — ou havia alguém efetivamente batendo numa porta —, que sumiu, bateram de novo, mais alto. O velho De Quincey; as batidas na porta de Macbeth. *Knock, knock*: quem vem lá? O gato. Gatástrofe. Gatástrofe quem? Gatastrofísico. O quê, é você, meu pequeno popogato? Espere só uma eternidade até Jacques e eu terminarmos de assassinar o sono! *Gatábasis* para gatabismo. *Gathartes* atratus... Claro, ele devia saber, eram os momentos finais da retirada do coração humano, ou a entrada final do demônio, o insulado noturno, bem como o verdadeiro De Quincey (aquele mero demônio-droga, ele pensou ao abrir os olhos e se viu olhando diretamente para a garrafa de tequila) imaginou o assassinato de Duncan e os outros insulados, autorrecolhido a uma profunda síncope e suspensão de paixão terrena... Mas aonde tinha ido Quincey? E, meu Deus, quem era aquele que avançava atrás do jornal da manhã para resgatá-lo pelo gramado, onde o respirar das mangueira tinha de repente se extinguido como por mágica, senão o dr. Guzmán?

Se não Guzmán, se não, não podia ser, mas era, certamente a figura nada menos que de seu parceiro da noite anterior, o dr. Vigil; e que

diabos ele estava fazendo ali? Quando a figura chegou mais perto, o cônsul sentiu uma crescente inquietação. Quincey era paciente dele, sem dúvida. Mas nesse caso por que o médico não estava dentro da casa? Por que toda aquela volta secreta pelo jardim? Só podia significar uma coisa: a visita de Vigil tinha sido de alguma forma marcada para coincidir com sua provável visita à tequila (embora ele tivesse conseguido enganar direitinho os dois ali), com o objetivo, claro, de espioná-lo, de obter alguma informação sobre ele, algum indício sobre a natureza do que poderia muito concebivelmente se encontrar dentro das páginas daquele jornal acusador: O ANTIGO CASO DO SAMARITAN SERÁ REABERTO, ACREDITA-SE QUE O COMANDANTE FIRMIN ESTEJA NO MÉXICO. FIRMIN É CULPADO: CONDENADO, CHORA NO BANCO DOS RÉUS. FIRMIN INOCENTE, MAS CARREGA A CULPA DO MUNDO SOBRE OS OMBROS. CORPO DE FIRMIN ENCONTRADO MORTO EM BUNKER, manchetes monstruosas assim de fato tomaram forma instantaneamente na cabeça do cônsul, pois não era apenas *El Universal* que o médico lia, era o seu destino; mas as criaturas de sua consciência mais imediata não deviam ser renegadas, elas pareciam acompanhar em silêncio aquele jornal matutino, retirar-se para um lado (quando o médico parou e olhou em torno) com as cabeças viradas para ouvir e então murmurar: “Você não pode mentir para nós. Nós sabemos o que você fez a noite passada”. Mas *o que* ele tinha feito? Ele viu de novo com bastante clareza — quando o dr. Vigil o reconheceu com um sorriso, fechou o jornal e veio depressa até ele —, viu o consultório do médico na Avenida de la Revolución, visitado por alguma bêbada razão nas primeiras horas da manhã, macabro com seus quadros de antigos cirurgiões espanhóis, as caras de bode erguidas estranhamente de rufos que pareciam ectoplasma, rugindo de rir ao realizar suas cirurgias inquisitoriais; mas uma vez que tudo isso era lembrado como um mero cenário vívido, separado por completo de sua própria atividade, e uma vez que era praticamente tudo o que lembrava, ele não teve como evitar o conforto de não figurar naquilo



tudo em algum papel perverso. Ao menos não tão confortável como o que sentiu neste momento, quando o médico chegou ao lugar deixado vago pelo plantador de nozes, parou e curvou-se profundamente diante dele; curvou-se uma, duas, três vezes, garantindo assim, mudo, mas de forma enfática, que o cônsul afinal não cometera durante a noite nenhum grande crime a ponto de não ser mais digno de respeito.

Então, os dois homens gemeram simultaneamente.

“Qué t...”, começou o cônsul.

“Por favor”, interrompeu o outro, rouco, ao colar nos lábios um dedo bem manicurado, embora trêmulo, e com um olhar ligeiramente preocupado para o jardim.

O cônsul assentiu com a cabeça. “Claro. Você está *tão* bem que vejo que não pode ter ido ao baile ontem à noite”, acrescentou alto e leal, seguindo o olhar do outro, embora Mr. Quincey, que afinal de contas podia não estar tão bem, ainda não estava por ali. Ele provavelmente tinha ido fechar as torneiras do hidrante principal, e que absurdo suspeitar de um “plano”, quando era tão patentemente uma visita informal e que o médico tinha acabado de ver da rua que Quincey trabalhava no jardim. Ele baixou a voz. “Mesmo assim, posso aproveitar a oportunidade para perguntar o que você receita para um leve caso de katzenjammer?”

O médico deu mais uma olhada preocupada para o jardim e começou a rir baixinho, embora todo seu corpo se sacudisse de alegria, os dentes brancos brilhassem ao sol e até seu imaculado terno azul parecesse rir. “Señor”, ele começou, mordendo o lábio com os dentes da frente, como uma criança, para não rir. “Señor Firmin, por favor, me desculpe, mas tenho de me comportar aqui como”, ele olhou em torno de novo, prendeu a respiração, “como um apóstolo. O que quer dizer, señor”, continuou, mais tranquilo, “é que está se sentindo bem esta manhã, o próprio pulo do gato.”



“Bom, nem tanto”, disse o cônsul, suave como antes, ao lançar por sua vez um olhar desconfiado na outra direção, para alguns cactos maguey que cresciam além da barranca, como um batalhão que avançasse numa encosta sob fogo de metralhadora. “Talvez seja um exagero. Para ser mais direto, o que você faria para um caso de delirium tremens crônico, controlado, abrangente e inescapável?”

O dr. Vigil se assustou. Um sorriso meio brincalhão pairou no canto de seus lábios enquanto ele tentava, sem muito jeito, formar com o jornal um tubo cilíndrico perfeito. “Quer dizer, nada de gatos...”, disse ele, e fez com a mão um rápido gesto ondulante e circular diante de seus olhos, “e sim...”

O cônsul assentiu com a cabeça, alegre. Porque estava com a consciência tranquila. Tinha captado um relance daquelas manchetes matinais, que pareciam inteiramente voltadas para a doença do papa e para a Batalha do Ebro.

“... progresión”, o médico repetia com um gesto mais lento, de olhos fechados, os dedos separados, curvados em garras, a cabeça balançando idiotamente. “... *A ratos!*”, atacou. “Sí”, disse enquanto projetava os lábios e batia a mão na testa num gesto de falso horror. “Sí”, repetiu. “Terrivelmente... mais álcool talvez seja melhor”, ele disse, sorrindo.

“Seu médico me diz que no meu caso o delirium tremens pode não ser fatal”, informou afinal o cônsul, triunfante, a Mr. Quincey, que acabara de chegar.

E no momento seguinte, embora não antes de uma quase imperceptível troca de sinais entre ele e o médico, o cônsul com um minúsculo movimento simbólico do pulso diante da boca, seguido de um olhar para seu bangalô, e Vigil com um ligeiro movimento de bater de braços estendidos aparentemente no ato de se espreguiçar, que significavam (na obscura linguagem conhecida por eminentes adeptos da Grande Irmandade do Álcool): “Venha tomar um trago quando tiver terminado”, “Eu não devia, porque, se eu for, vou ficar ‘avoadado’, mas,

pensando bem, talvez eu vá” — pareceu-lhe que voltou a beber da garrafa de tequila. E que, no momento seguinte, estava seguindo, lenta e poderosamente ao sol, de volta para o bangalô. Acompanhado pela gata de Mr. Quincey, que seguia algum tipo de inseto pelo caminho, o cônsul flutuou na luz âmbar. Além da casa, onde agora os problemas à sua espera pareciam já a ponto de uma enérgica solução, o dia à sua frente estendia-se como um maravilhoso deserto ondulante e ilimitado no qual seguir, embora de um jeito delicioso, para se perder: se perder, mas não totalmente, a ponto de não ser capaz de encontrar os poucos e necessários olhos-d’água ou oásis esparsos de tequila onde espertos legionários da danação, que não entendiam uma palavra do que ele dizia, acenariam para ele, restaurados, naquele glorioso sertão de Parián, onde o homem nunca fica com sede, e para onde ele, nesse momento, era atraído lindamente pelas miragens a se dissolver, passando por esqueletos como arame congelado e sonhadores leões vagabundos, em direção à inelutável desgraça pessoal, sempre de um jeito delicioso e claro; podia-se até descobrir que, no fim, a desgraça continha certo elemento de triunfo. Não que o cônsul se sentisse tristonho. Muito ao contrário. O panorama nunca parecera tão claro. Ele teve consciência, pela primeira vez, da extraordinária atividade que o cercava por toda parte em seu jardim: um lagarto subia numa árvore, outro tipo de lagarto descia de outra árvore, um beija-flor verde-garrafa explorava uma flor; borboletas imensas, cujas manchas marcadas com precisão o lembraram das blusas do mercado flutuando com indolente graça ginasta (exatamente como Yvonne as descrevera a saudá-la na baía de Acapulco ontem, uma tempestade de multicoloridas cartas de amor rasgadas, rolando ao vento diante dos bares do deque do passeio); formigas com pétalas ou botões escarlate para lá e para cá nas trilhas; enquanto acima, abaixo, do céu e, talvez, debaixo da terra, vinha um som contínuo de assobiar, mastigar, matraquear, até trombetear. Onde estava sua amiga cobra? Escondida no alto da pereira provavelmente. Uma cobra que esperava derrubar anéis em cima de você:



ferraduras de puta. Nos galhos dessas pereiras há garrafas penduradas, cheias de uma substância glutinosa amarela para atrair insetos, ainda trocadas religiosamente todo mês pelo colégio de horticultura local. (Como eram alegres os mexicanos! Os horticultores faziam da ocasião, como faziam de toda ocasião possível, uma espécie de dança, traziam consigo suas mulheres, paravam de árvore em árvore, recolhiam e substituíam as garrafas como se a coisa toda fosse um movimento de um balé cósmico, para depois se refestelarem na sombra durante horas, como se o próprio cônsul não existisse.) Então o comportamento da gata de Mr. Quincey começou a fasciná-lo. A criatura tinha afinal capturado o inseto, mas em vez de devorá-lo segurava seu corpo, ainda não ferido, delicadamente entre os dentes, enquanto suas lindas asas luminosas, que ainda batiam, pois o inseto não havia parado de voar nem um instante, se projetavam de ambos os lados dos bigodes dela, fazendo com que se movessem. O cônsul se abaixou para o resgate. Mas o animal se pôs fora de alcance. Ele se abaixou de novo, com o mesmo resultado. Dessa forma ridícula, o cônsul se abaixando, a gata dançando fora de seu alcance, o inseto ainda voando furiosamente na boca da gata, ele chegou à sua varanda. Por fim a gata estendeu uma pata preparada para o abate, abriu a boca e o inseto, cujas asas nunca haviam cessado de bater, de repente e maravilhosamente, voou para longe, como de fato poderia voar a alma humana das presas da morte, subiu, subiu, subiu, pairou acima das árvores: e naquele momento ele os viu. Estavam parados na varanda; os braços de Yvonne cheios de buganvílias, que ela arrumava num vaso de cerâmica azul-escuro. “... mas imagine que ele se negue. Que ele simplesmente não vá... cuidado, Hugh, tem espinhos, e tem que olhar tudo com cuidado para ver se não tem aranhas”. “Olá, Suchiquetal!”, o cônsul exclamou, alegre, e abanou a mão, enquanto a gata, com um gélido olhar para trás que dizia claramente “Eu não queria o bicho mesmo; ia deixar ir embora”, saiu a galope, humilhada, e sumiu entre os arbustos. “Olha só, Hugh, seu cobra velha na grama!



Então por que ele estava sentado no banheiro? Estava dormindo? morto? apagado? Estava no banheiro agora ou meia hora atrás? Era de noite? Onde estavam os outros? Mas então ouviu vozes dos outros na varanda. Alguns dos outros? Eram só Hugh e Yvonne, claro, porque o médico tinha ido embora. No entanto, por um momento, ele foi capaz de jurar que a casa estava cheia de gente; ora, ainda era de manhã, ou mal era tarde, apenas meio-dia e quinze em seu relógio. Às onze, ele falara com Mr. Quincey. “Ah... Ah...” o cônsul gemeu em voz alta... Ocorreu-lhe que devia se aprontar para ir a Tomalín. Mas como tinha conseguido convencer alguém de que ele estava sóbrio para ir a Tomalín? E por que, afinal, Tomalín?

Uma procissão de pensamentos como pequenos animais idosos desfilou pela cabeça do cônsul, e em sua cabeça ele também atravessava com firmeza a varanda outra vez, como tinha feito uma hora atrás, imediatamente depois de ver o inseto voar de dentro da boca da gata.

Ele tinha atravessado a varanda, que Concepta varrera, sorrira de maneira sóbria para Yvonne, apertara a mão de Hugh a caminho da geladeira e ao abri-la sabia que eles não só estavam falando dele como, obscuramente, através daquele claro fragmento de conversa que ouvira, o sentido completo dela, assim como naquele momento vislumbrava a lua nova com a velha nos braços e percebia sua forma completa, embora o resto estivesse sombreado, iluminado apenas pela luz da terra.

Mas o que tinha acontecido depois? “Ah”, o cônsul exclamou em voz alta outra vez. “Ah.” Os rostos da última hora passaram diante dele, as figuras de Hugh, de Yvonne, do dr. Vigil, rápidas, aos trancos, como naqueles velhos filmes mudos, as palavras explosões mudas no cérebro. Ninguém parecia estar fazendo nada de importante; mas tudo parecia da mais absoluta e excitada importância, por exemplo, Yvonne dizendo: “Nós vimos um tatu.” ... “O quê? Não *Tarsius spectres!*”, ele respondera, em seguida Hugh abriu uma garrafa gelada de cerveja Carta Blanca para ele, deixou a tampinha na beira do parapeito e decantou a espuma em

seu copo, cuja contiguidade com a garrafa de estriçnina havia, ele tinha de admitir agora, perdido quase toda o significado...

No banheiro, o cônsul se deu conta de que ainda tinha com ele meio copo de cerveja ligeiramente choca; a mão que segurava o copo estava bastante firme mas amortecida, e ele bebeu com cautela, para protelar com cuidado o problema que logo surgiria, o do copo vazio.

“... Bobagem”, ele disse a Hugh. E acrescentara com impressionante autoridade consular que de qualquer forma Hugh não podia partir imediatamente, ao menos não para a Cidade do México, que havia apenas um ônibus hoje, o mesmo em que Hugh tinha vindo, que já teria voltado para a Cidade, e um trem que só saía às quinze para a meia-noite...

Então: “Mas não foi Bougainville, doutor”, Yvonne perguntou, e de fato como lhe pareciam ali no banheiro incrivelmente sinistras, urgentes, *inflamadas* todas essas minúcias —, não foi Bougainville que descobriu as buganvílias? — O médico, curvado sobre as flores, pareceu apenas alerta e intrigado, não disse nada a não ser com os olhos que talvez traíssem ligeiramente o fato de ele ter tropeçado em uma “situação”. ... “Ora, pensando bem, acho que foi Bougainville. Daí o nome”, Hugh observou tolamemente e sentou-se no parapeito. ... “Sí: você *pode* ir até a botica e, para não entenderem errado, diga favor servir una toma de vino quinado o en su defecto una toma de nuez vómica, pero...” O dr. Vigil ria, falava com Hugh, só podia ser, já que Yvonne deslizara para seu quarto por um momento, enquanto o cônsul, ouvindo de longe, pegava na geladeira outra garrafa de cerveja; então: “Ah, eu estava tão mal hoje de manhã que na rua precisei me apoiar nas janelas.” E para o cônsul, que voltava: “... Por favor, perdoe meu comportar idiota ontem à noite: ah, eu fiz muita bobagem por toda parte esses últimos dias, mas” — ergueu o copo de uísque — “nunca vou beber mais; vou precisar de dois dias inteiros dormindo para me recuperar” — então, quando Yvonne voltou, entregando magnificamente todo o show, ergueu o copo para o cônsul